



Boletim Martinista

Orgão de Circulação Interna entre os Grupos Martinistas Philippe Nizier, Stanislas de Guaita e Jaime Cavalheiro Alves – SP – Brasil

Este boletim tem por finalidade:

- ◆ Difundir e preservar a mensagem dos Mestres Martinistas
- ◆ Promover a conscientização do trabalho interior
- ◆ Destacar os temas de maior importância dentro da tradição Martinista.

Nesta edição:

O Mestre Philippe De Lyon: Anjo Guardião do Martinismo	1
Sobre a Castidade	15
A Tradição Martinista por Rene Cossey	37
O Esoterismo do Pai Nosso	40
Contos Espirituais	46

Volume III, edição XXIV Julho-Agosto de 2012

O Mestre Philippe De Lyon: Anjo Guardião do Martinismo

© Carmelo Ríos

Nizier Anthélme, mais conhecido como “*Maître Philippe*”, veio ao mundo em Rubathier, Loisieux, na Savoie francesa, numa quarta-feira, 25 de Abril de 1849.

Durante a gravidez, sua mãe Maria, tinha visitado Jean Marie-Baptiste Vianney, o santo Cura d’Ars, um homem milagroso que do nada fazia aparecer alimentos que se multiplicavam para socorrer os órfãos, e que materializava água para aliviar a sede de um ser sofredor, que predisse a chegada ao mundo de uma alma muito avançada.

Seus pais, José e Maria, tiveram cinco filhos. Os fenômenos estranhos logo começaram na presença do pequeno Nizier. Já no parto, a mãe, sem sentir a menor dor, cantou e riu enquanto em suas mãos segurava um ramo de

louro. Uma grande tempestade desabou no instante da chegada do menino. Depois, uma estrela fugaz sulcou o firmamento, talvez a mesma que foi vista no dia de seu batizado.



O pároco da aldeia se inquietava pelos pequenos “milagres” que se manifestavam na proximidade do pequeno e dizia que esse menino estava mal batizado, pois materializava doces, curava a dor de cabeça apenas com um leve toque nas pessoas e, com cinco anos já trabalhando como pastor traxava um círculo com um ramo no solo ao re-

dor do rebanho, do qual nenhuma ovelha podia sair e tampouco nenhum lobo aproximar-se, símbolo evidente de sua posterior missão como pastor divino.

Aos quatorze anos foi viver em Lyon onde, simultaneamente a seus estu-

dos na instituição Santa Bárbara, ajudava seu tio, o senhor Vachod, em seu açougue. O tio era um homem de grandes qualidades humanas, e extremamente compassivo, que exercia a caridade como religião pessoal, mas incrédulo no que se referia ao mundo dos espíritos. Dele diria o Mestre, anos mais tarde, que “se tivesse acreditado, teria sido um homem perfeito”. Moribundo, recebeu a visita de Philippe, que pondo um dedo em sua testa lhe disse: “Não acreditaste... olha agora!”.

Philippe era de porte pequeno, corpulento e de aspecto muito simples. Seus cabelos eram pretos e finos, seus olhos de clarividente eram de um castanho variável, mas às vezes completamente azuis. Tinha o olhar profundo dos que sofreram muito. Todas as penas e tristezas deste mundo, mas também toda a beleza e alegria da vida universal estavam escritas em seus olhos.

Durante os anos 1874 e 1875, Philippe se inscreveu na faculdade de medicina e farmácia de Lyon, ao mesmo tempo em que dirigia um consultório de cura espiritual onde atendia gratuitamente enfermos de condição humilde, frequentemente desenganados pela ciência. Os doutores não viam com bons olhos as surpreendentes qualidades terapêuticas do jovem, sobre quem circulavam inquietantes rumores de ter curado totalmente doentes que eles não tinham sabido tratar, por meio de certos poderes ocultos.

Um dia, Philippe encontrou um doente chorando numa cama de hospital, já que iriam lhe amputar uma perna no dia seguinte. O Mestre assegurou-lhe que tal operação não aconteceria e fê-lo prometer não dizer nada a ninguém. No dia seguinte, os cirurgiões perplexos, constataram que a perna enferma estava em processo de cura. Às perguntas dos doutores, o enfermo respondeu: “Foi aquele homem moreno ali...”. Aquela milagrosa cura atraiu sobre Philippe ainda mais dúvidas e um crescente ressentimento por parte da classe médica.

Em outra ocasião, visitou três soldados afetados por febre tifoide, a tal ponto que os doutores aguardavam sua morte de um momento para outro. Aproximando-se deles e em voz baixa, Philippe disse: “*Consideram-vos perdidos, mas não vai ser assim. Os três vão ser curados. Amanhã entrareis em convalescença*”. E assim foi. Os médicos souberam que, uma vez mais, o estudante Philippe tinha passado por ali e fizeram mais averiguações sobre a estranha reputação do jovem curador. Logo provocaria a ira dos doutores da ciência e, em consequência, foi expulso da faculdade de medicina “*por utilizar medicina oculta e charlatanismo*”. Acusaram-no também de exploração, de fraude e de “uso do ocultismo”. Ao longo de sua vida Philippe conheceria todo tipo de perseguições e denúncias por parte dos médicos, que enviavam espiões e falsos pacientes a seu gabinete de cura, que Philippe descobria e os reenviava, com um sorriso, de volta ao remetente, e como o Grande Cagliostro (de quem se disse que Philippe era a reencarnação) os diagnosticava ironicamente: “*Excesso de bÍlis na classe médica*”.

No entanto, não foram poucos os doutores que, com o tempo, se sentiram atraídos pelo Mestre Philippe e se tornaram seus incondicionais colaboradores, admiradores ou discípulos e, inclusive, alguns de seus antigos detratadores lhe enviavam - secreta ou discretamente - os pacientes que humildemente se sentiam incapazes de curar.

Sessões de Cura

O Mestre Philippe reunia a cada dia, pela manhã e à tarde, em sua casa da *Rue Tête d’Or*, em Lyon, enfermos (às vezes mais de cento e cinquenta!) do corpo, do coração e da alma que vinham de todas as partes pedir sua ajuda, assim como fiéis devotos e alguns raros discípulos. Todas as “sessões” eram gratuitas, e quando se fazia alguma doação esta era repartida, no final, entre os numerosos pobres

que se reuniam no umbral de sua porta. O único sistema “terapêutico” utilizado nessas sessões era a oração, já que Philippe proibia qualquer forma de ocultismo, adivinhação, magnetismo (então chamado “mesmerismo”) ou de magia, que considerava desnecessários, danosos e contrários à Lei Divina. Por outro lado, alguns de seus mais próximos discípulos, como os doutores Gérard Encause (Papus), Emmanuel Lalande ou Paul Sédir, tinham sido grandes praticantes das ciências ocultas e da magia cerimonial, como seguidores de Saint-Yves D’Alveidre e de Eliphas Levi, mas devido à benéfica influência do Mestre e da evidência de sua doutrina, abandonaram definitivamente essas vias para consagrar-se de corpo e alma ao serviço do “Cristo Sempre Vivo”.

Segundo os relatos das testemunhas, uma atmosfera luminosa, inexpressável e espiritual se respirava nestas sessões, onde tudo era possível para a *Divina Providência*, encarnada em Philippe. Mas ele próprio frequentemente dizia: “*Eu nada posso, só faço pedir a Deus e vós não podeis sentir alívio algum nesta sala, seja para vossas enfermidades ou para aliviar o fardo que tanto pesa sobre este triste mundo, se não fizeres algo para o Céu. Aquele que não fez obras meritórias nada pode esperar, da mesma forma que não podeis sequer ser escutados*”.

Com uma paternal bondade ouvia as palavras dos que a ele acudiam, tocava as fotografias de enfermos ausentes, tomava as cartas dos ali reunidos, cheias de pedidos de ajuda, de perguntas, de votos, de súplicas, de confissões, que ele lançava ao fogo da lareira conhecendo o conteúdo profundo de cada uma delas. Um olhar, uma simples palavra, um leve toque de sua mão eram suficientes para que o Mestre sondasse nas profundezas dos séculos passados, conhecendo as causas esquecidas dos efeitos no presente, visíveis frequentemente no sofrimento físico e moral dos assistentes. Seus olhos perscrutavam os pensamentos mais ocultos e os profundos sentimentos dos corações, e via com clareza seu passado, seu presente e seu futuro, suas

tristezas, sua dor, seus erros, seus problemas mais íntimos e a história milenar da alma de cada participante. Viram-se homens orgulhosos, “duros e severos”, incrédulos, intelectuais ou “racionalistas”, que iam às sessões por curiosidade, para rir-se ou para desacreditá-lo, sucumbirem, cair de joelhos, soluçar e verter lágrimas desesperadas quando o Mestre lhes revelava obscuros acontecimentos de seus passados, demonstrando as origens de cada sofrimento que, como um pai, jamais julgava – *pois o Pai jamais nos julga* – dizia sempre - mas compreendia e indultava todos aqueles filhos pródigos em nome do Céu e do *Secreto Amigo*, em cujo exército de luz militava.

Numa das sessões, um homem de aspecto arrogante fazia, em voz alta, observações grosseiras e maliciosas, enquanto o Mestre falava: “*É preciso ser idiota para acreditar em todas estas bobagens!*” - dizia - e outros comentários do mesmo gênero. Passando perto dele em seu trajeto, o Mestre rogou-lhe que o acompanhasse a uma sala contígua. Ali lhe disse: “*Porque tal dia, a tal hora, estrangulaste aquela mulher? Eu estava a seu lado!*” O homem caiu de joelhos suplicando a Philippe que não o entregasse para a polícia. “*Com a condição de que mudes tua vida e sigas tua religião!*” - respondeu o Mestre – “*Se seguir minha religião, deverei confessar-me*”, disse o desconhecido. “*Já te confessaste para mim, é suficiente!*”, terminou dizendo Philippe e o homem se foi chorando.

Numa outra ocasião, uma família veio instalar-se próxima ao povoado onde ele vivia. Tal família era formada por uma mulher idosa e uma mãe de dois filhos. Todos viviam na mais lúgubre pobreza, a ponto que a vida de todos eles corria perigo. A comunidade inteira se prestava a auxiliar à família. Os discípulos do Mestre se interrogavam do porque de sua aparente indiferença para com aquela família, porque não mostrava nenhuma compaixão para com eles, sendo que sua vida inteira era dedicada a ajudar e a curar os pobres seres humanos. Um de seus mais próximos não

pode evitar interrogar o Mestre a respeito. Este, silenciosamente, conduziu o discípulo a um quarto contíguo, fê-lo fechar as cortinas e olhar fixamente para a parede. Com terror e assombro, ele viu projetada na parede a visão de uma anciã e de uma jovem que deixavam morrer de fome outra mulher, para ficar com seus bens. Compreendeu que aquelas mulheres eram as pobres damas da vizinhança. Na parede daquela sala, viu como elas tinham aceitado voluntariamente seu estado atual, para poderem compensar sua dívida cármica, passando pela mesma situação que elas tinham criado numa vida anterior.

Quando a cena se desvaneceu, o Mestre disse: *“Não te inquietes, o Céu dispôs que dois seres de luz -os filhos da mulher jovem- venham salvar essa família do destino horrível que as aguarda. Essas crianças levarão adiante o lar com seu trabalho e seu sacrifício”*.

Curas Milagrosas

Jean Baptiste Ravier nos conta esta história:

“Dois carpinteiros se entregam à fabricação de um pequeno ataúde, pois um menino da vizinhança acabava de morrer. Dois doutores saem de uma velha casa, falando entre si e reconhecendo que nada puderam fazer para salvar sua vida, que sua ciência ainda é muito fraca, justamente no momento em que Philippe e um de seus discípulos chegam à casa.

Um dos doutores diz a Philippe: *“Morreu já faz horas! Custou-nos muito tempo te encontrar! Entrou antes em coma... sabes o que é um coma?”* E Philippe lhes responde: *“Não é nada, não é nada, apressemo-nos”*. A mãe do falecido lhes diz que já é muito tarde, pois faz mais de duas horas que seu filho morreu. Philippe sobe a escada que leva ao quarto de cima e entra.

Nizier Philippe se benze com o sinal da cruz, faz com que todos se sentem, procura no quarto a senhora Chapas e lhe pergunta:

“Entregas-me teu filho agora?” Ela lhe responde: *“sim”*, sem compreender o que acontece. Então Nizier Philippe se aproxima da cama, se concentra e diz: *“Juan, te entrego tua alma!”*. E o incompreensível se produz. O defunto, branco, retoma rapidamente sua viva cor, vê Nizier Philippe e lhe sorri. Emoção e alegria entre os assistentes. Eu assisti àquela cena. Desde esse dia memorável, jamais deixei o Mestre Philippe”.

Cabe dizer que o pequeno ressuscitado era Jean Chapas, um homem de excepcional sabedoria e humildade, que se tornaria o principal discípulo do Mestre e continuador de suas sessões de cura e de quem Philippe dizia que *“era o maior porque era o menor”*. Também afirmava que ao *“caporal”* Chapas (o *“cabo”* como ele o chamava) podiam pedir-lhe que realizasse curas, pedidos e *“milagres que a ele próprio o Céu negaria”*.

Na medicina suprema do Mestre Philippe, extraída linha por linha do Evangelho e das próprias palavras do Divino Reparador, não havia lugar para nenhum método de terapia convencional, nem energética, nem vibratória, nem para o magnetismo, para a magia ou para a aplicação de uma ciência oculta. O caminho da verdadeira e definitiva cura consistia, fundamentalmente, no *amor puro*, consequência imediata do esquecimento de si mesmo, na morte em vida do próprio ego, na derrota final do egoísmo e do medo, cujas tendências malignas e destrutivas são a causa de todo o sofrimento individual e coletivo dos seres.

Tratava-se de imitar o Cristo, não como a uma personagem histórica ou como a um símbolo, mas como a uma *presença viva*. Atuar como Cristo o faria - *como Cristo o faz* - na própria vida e ser o meio de expressão de Sua Luz, de seu Amor e de Sua Vida. E, para Philippe e quantos verdadeiramente possuíam o gérmen de uma autêntica busca transcendental, só havia um caminho: o amor e a renúncia ao egoísmo.

Mas o Mestre Philippe realizava também curas menos visíveis: problemas do coração, tormentos do espírito, sofrimentos morais e espirituais. Como um *Anjo Resgatador*, se arrojava literalmente nas turbulentas águas da dor e do sofrimento humano, e salvava física, moral e espiritualmente os seres de naufrágios emocionais, de atolamentos espirituais, de tempestades na alma.

“Uma noite – conta-nos Alfred Hael - ao regressar de seu laboratório, depois de ter atravessado a ponte Morand, me rogou que aguardasse uns instantes. Acendeu seu cachimbo e desceu à margem do Rhone. Ali, se dirigiu a três homens que estavam deliberando uma má ação que desejavam realizar. Vendo-o caminhar até eles, se acreditaram descobertos pela polícia e, quando o Mestre lhes interpelou, começaram a negar tudo. “*Não negueis!*” – disse – “*Foste tu quem tiveste a ideia!*” Responderam que estavam sós, sem trabalho e na maior miséria. Então, o Mestre Philippe prometeu trazer-lhes, no dia seguinte, numa hora fixada, a soma necessária para que se estabelecessem. Não tendo o dinheiro, se viu obrigado a pedi-lo emprestado. Mais tarde esses homens se estabeleceram e, segundo o próprio Mestre, jamais houve comerciantes mais honestos”.

Alguns relatos afirmam que Philippe *aparecia* em situações dramáticas de tentativas de suicídio, de delitos e, inclusive de assassinatos, detendo a intenção autodestrutiva, os planos malignos ou a adaga mortífera. Para ele, tudo aquilo não era engendrado senão pela ignorância ou pela miséria que se esforçava em aliviar de todas as formas possíveis, *visíveis ou invisíveis*, muito mais além do humanamente concebível. Viram o Mestre curar à distância, apenas com a palavra, o filho moribundo de um juiz que na mesma manhã o tinha condenado por exercício ilegal da medicina!

Sua “doutrina”, na linha exata do verdadeiro cristianismo, se baseava no Amor, no perdão, no silêncio dos defeitos ou erros dos demais,

na amnésia voluntária do mal alheio, na prática do bem, da humildade, da misericórdia, da compaixão ativa e da bondade. Em ser uma *providência* para quantos se aproximem e, em resumo, em “*fazer o mal a plena luz do dia e o bem na escuridão*” -segundo suas próprias palavras.

Sua própria família viu Philippe diante dos tribunais em diversas ocasiões, acusado de exercício ilegal da medicina pelos ciumentos doutores da ciência que nunca entenderam a causa da devoção que lhe professavam os enfermos, nem esse milagroso poder espiritual que desafiava toda inteligência, baseado simplesmente na fé e na eficácia do amor. Mas, em algumas ocasiões também utilizava uma poderosa energia espiritual quando se tratava de defender um inocente ou proteger o fraco. Numa ocasião, uma vez mais acusado por suas práticas pseudo ocultistas, tachadas de superstições, escutaram nos tribunais as caluniosas acusações e difamações atiradas contra o Mestre e, atônitos, viram como este, silencioso, não se defendia. Mas, semanas mais tarde, quando assistiram o juízo de um pobre curandeiro da comarca, também viram um Philippe pleno de potência espiritual, pois ante a presença de numerosas testemunhas o jurado perdeu a voz e as letras da acusação se apagaram do papel!

Medicina Divina

Todo tipo de feitos milagrosos e extraordinárias histórias de curas preencheram a vida e a obra deste *Soldado do Céu*. A inexplicável cura de um enfermo desenganado em troca de alguns dias ou mesmo de umas poucas horas sem falar mal do próximo. A redenção de graves erros passados, cujas consequências eram visíveis na triste existência e na saúde física e moral daqueles que o cercavam, em troca de uma oração, da privação de um simples desejo material, pela renúncia a uma querela legal, pelo perdão de uma dívida, pelo esquecimento de uma ofensa. Tal era a *medicina da alma* que Philippe de Lyon pres-

crevia aos milhares de enfermos do corpo ou do espírito que, aflitos, chamavam à sua porta.

Durante mais de quarenta anos aconteceram milhares de curas extraordinárias, com frequência de homens, mulheres, crianças e de animais e, inclusive, de árvores, de plantas e de campos de cultivo, desenganados pelos homens e pela ciência, sem utilizar outra medicina que a oração, a fé e a “confiança no Céu”, que nos foram relatadas por seus contemporâneos.

Um dia, uma menina foi trazida por sua mãe. A pequena sofria de paralisia e era impossível caminhar. A mãe pediu ao Mestre a cura de sua filha, ao que este respondeu: “*Estás disposta a pagar aquilo que eu te peça?*” A pobre mãe rompeu a chorar crendo que se tratava de uma soma de dinheiro, que sua humilde condição a impedia possuir. “*Não é dinheiro o que quero de ti*” - disse então o Mestre – “*Estás disposta a não falar mal de ninguém até que tua filha tenha vinte anos?*” Após a resposta da mãe, entre soluços, a menina se levantou e caminhou diante de uma assistência jubilosa de testemunhos.

Em outra ocasião, um comerciante que vendia a crédito para famílias pobres veio buscar o Mestre, comunicando-lhe que seu amado filho acabava de morrer. Philippe lhe disse: “*Deves ter uma longa lista de devedores em teu armazém. Estás disposto a esquecer de todas essas dívidas?*” ao que o desesperado pai respondeu que naquele mesmo momento rasgaria seu livro com as dívidas. Quando Philippe e o pai cruzavam o umbral da casa onde o filho jazia morto, este acabava de abrir os olhos.

Para o Mestre Philippe, a *Imitação de Cristo* não consistia em fugir do que nos cabe viver, em separar-se dos semelhantes, em sentar-se a meditar num canto do templo, em perder-se num deserto de areia ou de solidão, em esquecer-se do mundo vivendo no coração

da selva, no cimo de uma montanha ou entre os muros de um monastério. Consistia, sobretudo, em *sair de si mesmo*. Mas a seus discípulos, vários deles antigos militantes de todas as formas possíveis de ocultismo ou de iniciação ocidental, aos terapeutas, aos curadores e, por fim, aos sinceros buscadores de uma real transformação interior, lhes exigia sacrifícios infinitamente maiores.

Um dia, uma mulher veio chorosa pedir a cura de seu gato. Depois de escutá-la, o mestre lhe disse: “*volta para casa, teu gato está curado*”. Quando ela partiu ele comentou com um de seus discípulos: “*Esta mulher jamais fez nada por ninguém, mas esta manhã sentiu pena por uma idosa e a ajudou a cruzar a rua. O Céu levou em conta esse ato de caridade e lhe concedeu a cura de seu gato*”. E acrescentou: “*Quanto a ti, essa ação não te teria servido absolutamente para nada*”.

O Caminho do Fogo

Em 1877, Philippe contraiu matrimônio com Jean-Julie Landar, uma dama da aristocracia a quem tinha salvo da morte. Dessa união nasceram dois filhos, Alberto, que morreu de varíola poucos meses depois e Victória, uma alma pura, um espírito luminoso desde seu nascimento.

Cheia de alegria e de compaixão, Victória casou-se, aos vinte anos com o doutor Emmanuel Lalande (conhecido com o pseudônimo de *Marc Haven*) médico, autor, esoterista, grande místico e um dos mais próximos discípulos do Mestre. De saúde delicada, Victória anunciou a seu pai que devia morrer poucos meses depois de seu casamento. Em agosto de 1904, caiu doente. Sua família suplicava ao Mestre a cura de sua filha, mas ele guardava silêncio. “*Nada posso fazer*” – diria – “*Victória terá um momento de lucidez, depois do qual se irá para sempre. Pedi a Deus uma alma pura e Ele me deu. Um ser como ela não tem nada a fazer neste mundo*”.

O Mestre Philippe, que tinha ressuscitado os mortos, feito mudos falarem, aleijados caminharem, surdos ouvirem, curado tropas de soldados! Que possuía um absoluto domínio sobre as forças da Natureza, que tinha feito cair a chuva fresca na terra ressecada, feito o raio iluminar a noite escura, feito reverdecer a alma seca de quantos se aproximavam e provocado a tormenta espiritual no coração de seus discípulos! Que tinha mostrado a fé pura no Amor verdadeiro e despertado o coração adormecido, moribundo ou murcho de milhares de seres! *Maître Philippe*, nada podia fazer diante do terrível destino que o Céu lhe enviava!

Diz-se que o escutaram orar...: *“Deus meu! Aceitamos as consequências de nossa petição e prometemos suportar com resignação todas as provas que te compraza enviar-nos...”* Victória, o amor de sua vida, morreu com um sorriso no mesmo instante em que a seu fiel discípulo Jean Chapas nascia uma menina, a quem deram no nome de Martina, em memória de Louis-Claude de Saint-Martin. As únicas palavras do Mestre foram: *“Deus me crucificou vivo”*.

Mas o Mestre sabia que esse poder, essa refulgência espiritual, essa todo poderosa irradiação de milagroso amor, que não emanava de ciência alguma deste mundo, mas da força do sacrifício do eu, desse Amor puro, límpido, sobrenatural por sobre-humano, que atravessava todo seu ser e que lhe tinha sido concedido diretamente do *Reino dos Céus*, para aliviar o sofrimento de todos os seres, não podia ser utilizado para si mesmo.

Anos mais tarde afirmaria que a morte de Victória tinha evitado ou atrasado um grande desastre para a Humanidade e o planeta Terra. Em suas próprias palavras: *“Cada dia a alma se aproxima de Deus, e quando esteja preparada, se apresentará diante d’Ele. Para isso deve brilhar como um sol, do contrário, não poderia resistir.*

Se soubésseis por que sofrem! Se conhecésseis o objetivo de vossos sofrimentos e o que vos aguarda como recompensa por vossos esforços! Estaríeis tão felizes que já não sentiríeis nenhuma pena. Já não haveria sofrimento”.

O Caminho do Amor

Aqueles que tiveram o raro privilégio de viver perto do Mestre atestam que seu modo de vida era simples, mas também muito estranho. Afirmam que dormia no máximo cinco horas divididas ao longo de várias semanas, que pouco se alimentava e que, no entanto, possuía uma energia inesgotável, que passava as noites em seu laboratório, preparando medicamentos, inventando artefatos, investigando, orando ou visitando enfermos, e seguramente trabalhando à distância nos planos invisíveis.

Possuía também um domínio absoluto sobre os elementos da Natureza, acrescentava ou aumentava os dons terapêuticos das plantas medicinais, fazia desabar a tormenta, cair uma tromba d’água ou deter a chuva a seu redor e precipitar um raio no meio do jardim de casa, para demonstrar um princípio espiritual, e gostava de acender seu cachimbo ao ar livre em meio a uma tempestade, ante o olhar assombrado de quantos o rodeavam. Numa ocasião, durante uma viagem por mar, começou a soprar um vento forte que arrebriava e levantava grandes ondas, a ponto de pôr em perigo a travessia, e os passageiros estavam muito assustados. Philippe disse a sua filha que fosse para a proa do barco e ordenasse à tempestade que amainasse. Victória acudiu ao lugar e disse ao vento: *“disse meu pai que te detenhas”*, o que ocorreu imediatamente.

Alguns de seus pacientes e discípulos atestam a presença do Mestre em dois lugares distantes ao mesmo tempo e, inclusive, sua faculdade de fazer-se invisível, aparecer nos sonhos

ou intervir no espírito em inumeráveis casos desesperados, até mesmo depois de anos de sua morte. Como curiosidade, acrescentaremos que também afirmam que era absolutamente inacessível aos videntes, e que os clarividentes diziam que estava constantemente rodeado por anjos e espíritos protetores. Numa ocasião, na qual foi atacado na rua por uns meliantes, as testemunhas viram como estes eram literalmente sacudidos por forças invisíveis sem que Philippe movesse um só dedo.

Jamais poderemos saber até que ponto alcançava e *alcança* o poder espiritual do Mestre e de sua benfazeja presença. Sua *Doutrina*, seu *Evangelho*, se baseava exclusivamente no poder do amor, da compaixão e do sacrifício do egoísmo. Consistia, sobretudo, na capitulação total do ego, na rendição absoluta da personalidade diante do poder do Amor e da Luz da Alma, aqui e agora, nesta vida e com este corpo, no campo de batalha da existência de cada dia.

Em suas próprias palavras: “*Não busqueis o repouso, buscai a guerra. Buscai os incrédulos, os maus, os ignorantes, os enfermos, e curai-os dando de vós mesmos, apesar de todo o esforço e das moléstias que isso vos causará. Tornai-vos logo empobrecidos, cansados, esgotados, alcançados inclusive pelas dúvidas devido a seus argumentos, fechai-vos em vosso quarto e rezai; a força e o vigor voltarão*”.

Philippe conhecia as causas ocultas dos efeitos visíveis - as “dívidas” como ele as chamava - sobre a vida dos seres humanos. Sua alma bendita, em comunhão constante com *O Inefável*, podia sondar os séculos passados e encontrar a origem de qualquer consequência cármica.

Alfred Hael nos conta: “Um dia, o Mestre abordou na minha frente um pobre homem sentado sobre seus calcanhares. Numa ocasião, quando passeava com um de seus discípulos, viram um homem paralítico que mendiga-

va na passarela do Colégio. Suas pernas, deformadas, estavam paralisadas. Levavam-no até ali e iam buscá-lo à noite num pequeno carro. O Mestre lhe disse: “*conheço alguém que poderia curar-te. Deves pedir a Deus e tuas pernas caminharão de novo. Prometes pedi-lo a Deus*” E o Mestre me disse ao partir: “*Não pedirá nada; é a segunda existência que passa assim, inválido. Não quer trabalhar*”.

Uma mãe, entre lágrimas e soluços, vinha pedir insistentemente a cura de seu filho pequeno, muito enfermo, mas o Mestre, apesar das súplicas dos familiares, amigos e discípulos, sempre se negava a intervir. Um dia, finalmente, aceitou e disse à mãe sofredora: “*Seja como tu queres*”, e o filho se curou completamente. Anos mais tarde, a pobre mulher veio ver o Mestre para comunicar-lhe que esse mesmo filho, já maior, tinha assassinado o próprio pai.

Os Herdeiros Espirituais

Paul Sédir (1871-1926) pseudônimo do autor e místico Francês Evón Le Loup, um dos mais admiráveis discípulos do Mestre, escreveu:

“*Afirmo que tive, durante um longo período de minha vida, a felicidade de ver viver um homem que, sem esforço aparente, realizava a perfeição do Evangelho. Aceitava ao pé da letra as palavras do Evangelho, tendo por superficiais as exegeses modernas. “Se nos esforçamos em amar o próximo como a nós mesmos, o Céu nos revela o sentido oculto dos textos” - dizia. Mostrava-se pouco pródigo em discursos. Colocava o amor fraternal antes de tudo, antes da oração e, inclusive, antes da fé. Assinalava o orgulho e o egoísmo como os maiores obstáculos para nosso avanço. Assim, esse cristão, esse filósofo, esse sábio, era o taumaturgo mais extraordinário. Todas as maravilhas operadas pelos santos eu as vi realizar, as curas inexplicáveis, os feitos de santidade, os milagres, floresciam à sua passagem*”.

O Dr. Eduard Bertholet, escreveu estas palavras acerca de seu Mestre:

“Um Mestre, segundo o Espírito, não é alguém que ensina, pois as lições que ele outorga, por muito vívidas e frutuosas que sejam, permanecem quase sempre silenciosas... Tudo entre os *Amigos de Deus* se desenvolve ao inverso dos homens comuns. O Amigo de Deus possui a verdade, a verdade absoluta e no momento em que é enviado a uma missão, o Pai lhe entrega um segredo por meio do qual, essa verdade absoluta se adapta a todas as particularidades do que é relativo. O Homem Livre possui o direito de ser dono de si mesmo e do resto do mundo. Se seu olhar obriga toda criatura a mostrar-lhe seu coração nu, sua força lhe confere sobre todos, uma autoridade suprema.

Um olhar a uma planta e esta lhe revela todas suas virtudes, uma oração muda para a pedra do mais antigo monumento e esta lhe dirá o nome do obreiro que o erigiu. O Homem Livre jamais adota frente aos homens uma atitude de Mestre e, em sua relação com Deus, jamais opera uma cura ou um milagre, jamais se permite a menor iniciativa ordinária da vida cotidiana sem solicitar antes sua permissão. *O móvel profundo e único que faz agir um Homem Livre é o Amor...*”.

Paul Sédir, como outros grandes ocultistas e iniciados em toda sorte de ritos esotéricos orientais e ocidentais, viu desmoronar seu universo de especulações metafísicas diante da presença de um verdadeiro “Enviado do Céu”, um autêntico *Mestre do Amor*. Numa de suas obras lemos: “Quando o Mestre aparece, é como um sol que se eleva no coração do discípulo, todas as nuvens se dissipam, todas as escórias se diluem. Uma clareza nova se espalha sobre o mundo, esquecemos das penas, do desespero, das ansiedades. Se o pobre coração as envia até as radiantes paisagens entrevistas, sobre as quais o aprazível esplendor da Eternidade desvenda suas

glórias, nada obscuro pode ensombrecer a Natureza e tudo, enfim, se consome na admiração, na adoração e no amor...”.

Em sua obra mestra de misticismo “*Iniciações*”, relato alegórico e autobiográfico, como discípulo na busca da verdade eterna, onde a personalidade do Mestre Philippe é simbolicamente ocultada sob os traços de um personagem misterioso chamado *Theófanes*, escreveria:

“Eu, iniciado num grande número de graus, afiliado a todas as seitas europeias que tocam de perto ou de longe o iluminismo, obreiro de não poucas dentre elas. Eu que tinha escrito tantos livros sábios, que meus correspondentes estrangeiros chamavam Mestre Mui Douto e Sábio, e que acabei por crer, por força de ouvir dizer. Eu que tinha realizado ritos mágicos e renovado as curas paracélicas, que tinha dado à luz um grande número de homens e mulheres respeitavelmente atentos, que me acreditava impávido e impassível, sentia minha torre de marfim tremer em sua base. Estava desorientado e me teria reprovado a mim mesmo se não tivesse adotado, diante desse desconhecido, outra atitude que a mais sincera: o desejo ardente de chegar a uma síntese, a algum repouso”.

Gerard Encause (1865-1916) conhecido com o célebre codinome de *Papus*, grande renovador e inspirador do Martinismo contemporâneo que, ao longo de sua vida, tinha sido racionalista, mago e ocultista, se viu precipitado para o verdadeiro misticismo depois de conhecer o Mestre na *Gare de Lyon*. Numa de suas cartas a Philippe, lemos:

“Querido e bom Mestre:

Recebi sua carta, que agradeço, pois é sempre uma alegria ver sua tão desejada escritura. Vós me fizeste conhecer e amar o Cristo, e por isso lhe serei eternamente agradecido”.

Alguns autores e certos grupos de ocultistas

e de “racionalistas”, acusaram Papus, Sédir, Marc Haven (o Dr. Lalande) e outros valentes discípulos de Philippe de Lyon de terem tido imperdoáveis e *melancólicos desvios catolicistas*” no fim de seus dias. É evidente que não compreenderam a transcendência e a importância capital do encontro com um verdadeiro Mestre do Amor e com um ensinamento tão perfeito e simples, como o exercício da compaixão incondicional para qualquer forma de existência. Por outro lado, a “doutrina” do Mestre Philippe, incluía sua crença na Reencarnação e na necessidade de purificar-se por si mesmo, por um processo de sucessivas existências:

“Não sei se acreditais ou não na reencarnação. Sois livres para fazê-lo. O que eu sei é que me lembro de ter existido, de ter ido e ter voltado, e que sei quando irei de novo. Mas há algo que mostre mais a justiça de Deus que esse tempo que nos dá para reparar nossos erros?”.

Ademais de sua crença na reencarnação, para Philippe não havia outro sacramento que a bondade do coração, e a obrigação de compensar por si mesmo as “dívidas” (o “carma”) pelo exercício da bondade, da humildade, da “pobreza de espírito”, o sacrifício do orgulho e do egoísmo, e o exercício do amor em qualquer circunstância. Estes ensinamentos resultavam por demais incompatíveis com o dogma católico romano, e menos ainda com a atitude habitual de seus ministros, e também com o saturado ambiente racionalista, anticlerical - e anti-espiritual - de certas lojas e obediências maçônicas. Tampouco acreditava na necessidade de qualquer intermediário entre a luz da alma e o “Reino dos Céus”, e outro sacerdócio exceto o que há que se esperar de um autêntico cristão, pois todo sincero discípulo de Cristo, todo seguidor do *Caminho do Amor* é um verdadeiro sacerdote, um “secreto agente” do Plano Divino.

Durante toda sua vida o Mestre Philippe foi vítima dos furiosos ataques da classe médica

e da polícia secreta, que o considerava suspeito de espionagem, por causa de sua íntima relação com a corte da Rússia. E também de campanhas de injúrias e de monstruosas calúnias urdidas contra ele por personagens obscuros e por jornalistas pagos por políticos, doutores ou falsos curadores sem escrúpulos. Que foi exemplo de amor, de entrega sem reservas, de sacrifício além do humano; médico extraordinário, terapeuta celestial do corpo e da alma, amigo, conselheiro e pai espiritual e íntimo dos necessitados e dos sofredores! Que dilapidou literalmente a fortuna de sua família para ajudar os pobres, a ponto de ter que pedir empréstimo para manter sua beneficência ativa e anônima!

Não obstante, outros filósofos, ocultistas e espiritualistas souberam – e sabem - reconhecer na presença do Mestre o ideal mais Íntimo de seus corações, encarnado na imagem exterior de um Homem de Deus, de um *Soldado de Cristo*. E, como o próprio Mestre do Amor e seus Apóstolos, também os fiéis seguidores de Philippe de Lyon foram vítimas da intolerância, da injustiça, da incompreensão e da ingratidão daqueles que, com frequência, tinham resgatado da miséria material, moral e espiritual, e em troca, quase sempre tiveram que suportar o ataque das obscuras forças da ignorância, de todos os inimigos da Luz e do Poder da Alma, dos “*sicários do Adversário*”- nas palavras de Paul Sédir. Mas a respeito, Jean-Baptiste Ravier menciona estas palavras do Mestre:

“Aquele que não tem inimigos é um morno, no sentido de que jamais fez o bem, pois fazendo o bem, se recolhe ordinariamente a ingratidão, algo que não deve inquietar-nos”.

Mas o encontro com o *Amor verdadeiro*, talvez com o mais elevado amor a que um ser humano é dado ascender, tangível na benfazeja presença do Mestre Philippe, provocou em seus discípulos uma extraordinária transformação, uma tempestade na alma, um naufrágio do ego, e estabeleceu uma paz hermé-

tica e uma felicidade indefiníveis em seus corações e lhes abriu o caminho para esse sonhado *Reino dos Céus*, que não é um lugar num espaço distante, mas um estado da alma, que como nos diz o evangelista Tomé, “*Está em nós e fora de nós*”.

Nem um só de seus valentes discípulos, verdadeiros Martinistas convertidos em genuínos *Soldados do Cristo Vivo*, jamais deu um passo atrás no campo de batalha do sofrimento humano e na luta pelo avanço da alma. A esse respeito, o estudo biográfico dos herdeiros espirituais do Mestre Philippe não pode deixar de impressionar-nos e de comover-nos.

Dimitri Sudoske, mais conhecido como *Mouni Sadhu* (1897-1971) pseudônimo de um investigador metafísico polaco que, como o célebre escritor Paul Brunton, encontrou seu Mestre, Ramana Maharshi aos pés da Santa Montanha de Arunachala, no sul da Índia, nos deixou um relato autobiográfico em sua bela e profunda obra *Em Dias De Grande Paz*. Nela revela que depois da leitura do livro de Paul Sédir “*Iniciações*”, procurou veementemente o *Mestre Secreto* do qual fala a obra por toda França, sem encontrá-lo.

A maioria dos fervorosos discípulos de Philippe de Lyon, que continuaram sua obra ou escreveram profundos livros dedicados à presença viva do Mestre, tinham sido iniciados no Martinismo, e foram verdadeiros símbolos vivos, continuadores e mensageiros da doutrina de Louis-Claude de Saint-Martin, feita visível em corpo de amor nos ensinamentos de Philippe.

Ademais do insigne Paul Sédir, o Dr. Philippe Encause, filho de Papus é autor de uma excelente biografia. Emmanuel Lalande, com sua magistral obra “*Le Maître Inconnu Cagliostro*”, na qual disfarça a personalidade de Philippe sob os traços do Grande Copto. Jean Bricaud, Claude Laurent, Michel de Saint-Martin, Auguste Jacquot, Leo Costet de Maischeville

(Swami Sevananda) Auguste Philippe (irmão do Mestre), Georges Descormières (*Paheng*), Jean-Baptiste Ravier, Jean-François Brouse, Marie Lalande, segunda esposa de Marc Haven. E, dizem que a série de obras de Cirel Scott “*O Iniciado*”, são baseadas na personalidade e nos prodigiosos feitos pelo Mestre Philippe.

Mas, quem ou o que era na realidade Philippe de Lyon?

Alfred Hael, fervoroso discípulo e autor de uma bela e muito profunda obra sobre o Mestre, nos conta esta reveladora história:

“**Bou-Amama** era o adivinho da vila árabe na Exposição Universal do ano de 1900, em Paris. Papus tinha falado com ele sobre o Mestre Philippe e ele tinha expressado o desejo de viajar a Lyon para vê-lo. Tinha, disse, muitas coisas para dizer-lhe. Eu fui o encarregado de recebê-lo e de conduzir esse velho árabe à sessão no dia que o M. Philippe tinha fixado. Permaneceu ali um momento diante do Mestre e fiquei surpreso ao ver que não lhe falava. Quando a sessão terminou, desemos a escada, ele e eu, e fomos sentar num banco no jardim, onde o Mestre Philippe devia reencontrar-nos. Tivemos uma conversa geral durante vinte minutos, depois o Mestre Philippe nos deixou. Quando expressei a Bou Amama minha estranheza de que não tivesse exposto ao Mestre as numerosas questões sobre as quais desejava falar-lhe, ele me respondeu: “*disse-lhe tudo e ele me respondeu*”. Eu perguntei então: “*O que pensa do Mestre Philippe?*” Ele disse, elevando o indicador da mão direita: “*É grande. É muito grande, é o maior*”.

Numa ocasião, na qual o Mestre retornava a seu lar depois de suas cotidianas visitas aos enfermos, um cavalo atado a uma carruagem ficou muito nervoso e começou a relinchar ao vê-lo, a tal ponto que o cocheiro temia pelo que poderia ocorrer naquela praça tão concorrida. Philippe se aproximou do cavalo,

segurou-o pelo arreio, acariciou-o e lhe disse suavemente ao ouvido: “Sofres meu pobre pequeno. Tem paciência. Sei que não estás onde te corresponde, mas não te atormentes, pois já arranjarei isso. Tu me reconheceste, tu, enquanto que os homens não me reconhecem!”

O Final

O mestre Philippe de Lyon continuou até o fim de seus dias suas milagrosas curas em seu espaço da **Rue Tête d’Or**, e poderíamos evocar milhares de lembranças, de emotivos relatos, de inverossímeis feitos milagrosos. A tal ponto sua presença benfazeja assombrava a todos, que muitos pensavam que se tratava da encarnação de Jesus ou de algum dos discípulos do Mestre da Galiléia.

Mas ele afirmava categoricamente:

“Muitos de vós creem que sou Jesus, ou quase Ele. Não vos equivoqueis. Eu sou o Cachorro do Pastor. O menor de vós. Por isso Deus me concede tudo quanto lhe peço. Quanto a vós, vos acreditais muito grandes. Por isso Deus não vos escuta.

Eu não sou nada. O Céu tudo pode, eu não sou mais que o cachorro do pastor. Não tenho nenhum mérito, pois não segui a via comum dos homens...”

Estas palavras nos evocam a “doutrina dos Avatares” do Oriente, *descidos do alto em benefício do baixo*, e é certo que a vida, a

obra, o exemplo e os ensinamentos de Philippe de Lyon concordam com a mensagem que, desde o alvorecer dos tempos, nos chegaram dos grandes Avatares como Orfeu, Mitra, Krishna, Buda ou Jesus o Cristo: o valor onipresente do Amor, do sacrifício do egoísmo, da renúncia ao “si mesmo”, da confiança absoluta na energia da compaixão, no poder reconciliador e ressuscitador do Amor do Céu, e para isso, o Mestre nos diz: “*Crê-me, busquei outro caminho, mas só há um caminho: amar o próximo como a si mesmo*”.

E qual é, pois, o caminho, a “técnica” para essa reconciliação com o Reino Divino?

Philippe nos diz categoricamente: “*É necessário pôr o orgulho aos pés e não ser nada, E o resto nos será dado por acréscimo*”.

O Mestre Philippe começou a consumir-se lentamente em seu lar de *Clos Landar*. Sem forças para visitar seus enfermos, viam-no solitário, passeando pelos bosques que tanto amava, falando com as árvores, com os pássaros - como são Francisco - e também com seres invisíveis, talvez com a corte angelical de entidades divinas que sempre o acompanhavam, *prontos a servir imediatamente aquele que é incapaz de servir-se a si mesmo*.

Até o último instante emanava dele, como sempre, essa bondade viva, esse amor doce, cálido, paternal, infinito, que abarcava o espaço e o tempo, os mundos, os planos, os Universos... essa *Luz da Alma* feita ser humano,



e essa benevolência ativa para com todas as formas de existência, que atuava em todos os reinos da matéria e do espírito, e ainda mais além. A um de seus discípulos, ao falar-lhe das *séances* ou sessões de cura, disse:

“Tudo o que se realiza aqui repercute instantaneamente em todo o Universo”.

Passava as noites sentado em sua poltrona, atormentado por terríveis dores no coração, no entanto, nenhum médico jamais encontrou nele sinal algum da mais leve patologia. No dia anterior à sua morte, tinha passeado com Alfred Hael e aparentava estar em perfeito estado de saúde. Mas por fim, às onze horas e trinta minutos da manhã do dia 2 de agosto de 1905, Philippe levantou, deu alguns passos até a janela, um gemido sulcou o ar e caiu morto. Tudo tinha terminado.

O Mestre Philippe tinha deixado este mundo para voltar à sua verdadeira morada no Infinito. Antes de sua partida profetizou seu retorno, ainda afirmou que “só seria reconhecido por alguns”.

Após sua morte se soube muito mais da *beneficência secreta* que tinha mantido oculta até a seus mais próximos colaboradores ou familiares. O que poderíamos dizer dos inumeráveis órfãos, mães solteiras, mendigos, enfermos, presos, viúvas e lares humildes que ele sustentava material e espiritualmente! Sua inumação aconteceu em 5 de Agosto no cemitério de Loyasse, em Lyon. Uma massa incontável de pessoas, vindas de todas as partes, acudiu para dar testemunho de gratidão àquele que tinha sido um Mestre e guia para uns, um grande benfeitor para outros e um exemplo para todos. A seu fiel Jean Chapas, o “*cabo*”, audaz continuador da obra do Mestre, deixou como *herança*, entre outros *bens*, a responsabilidade de dirigir a *séances* de cura e o pagamento mensal de mais de cinquenta aluguéis de lares para pessoas pobres!

Diante de seu mausoléu, próximo ao de Jean

Chapas e Jean-Baptiste Willermoz, no qual sempre cantam os pássaros e no qual jamais faltam flores, pleno de votos que, como neve pura cobrem de papel branco os ramos de suas frondosas árvores, renascidos e voltados para a *verdadeira vida*, como os corações dos devotos do Mestre, e de numerosas mostras de agradecimento pelos milagres que continuam produzindo-se com a evocação de sua bem amada presença, não podemos senão sentir uma profunda emoção espiritual e um sincero sentimento de infinita gratidão.

Pelo poder do amor a *Maître Philippe*, esse lugar se transformou em destino de peregrinos e admiradores, de curadores, de iniciados na “*via cardíaca*”, de iniciados Martinistas de todo o mundo, de sinceros buscadores espirituais, e de todos aqueles que sentiram em sua alma o *chamado do verdadeiro Amor*. Recordando sua benfazeja presença, estas palavras ressoam em nossa alma:

“Não temais perder-me.

Tenho um pé no fundo do mar e outro sobre a terra.

Uma mão para vós e a outra para o Céu.

Assim, sempre voltaremos a nos encontrar”.

Na atualidade, e com certeza não de forma casual, mas mercê de um secreto desígnio e por vontade do Mestre do Amor, com relação ao despertar na humanidade uma nova *luz de Consciência Crística*, se revelou em todo o mundo um vivo interesse pela vida e pela obra de Philippe de Lyon. Em diferentes línguas estão sendo editados muitos livros, biografias e, inclusive, vários filmes sobre este personagem extraordinário, que trazem uma grande luz, esperança e grande consolo ao aflito mundo atual, ao mesmo tempo em que indicam claramente uma direção a seguir no cenário da evolução do planeta Terra. Em suas palavras, podemos escutar os proféticos e esperançosos ecos do futuro imediato:

“Podemos permanecer algum tempo sem avan-

çar, mas chega o momento no qual somos empurrados pelas adversidades ou pelas enfermidades; devemos então avançar ainda que não queiramos; a hora chegou, o Céu o quer assim!

Não seremos julgados pelo que acreditamos, mas pelo que temos feito. Amar ao próximo não é tão difícil, é suficiente fazer esforços verdadeiros para querê-lo. O que nos faltam são esforços e o que os paralisa é o orgulho”.

O Mestre Philippe de Lyon, um dos maiores Seres de Luz que a Humanidade já conheceu, exteriormente foi um terapeuta extraordinário do corpo, do coração e do espírito, mas secretamente, quiçá uma das maiores almas que jamais caminharam sobre esta Terra.

E nos deixou uma mensagem, a mesmo que, em todas as épocas, nos legaram os Amigos de Deus, os Homens Livres, os Servidores Desconhecidos, os verdadeiros Soldados do Cristo Vivo, e que talvez continuem nos deixando eternamente: que a única direção para voltar para casa, para esse Reino dos Céus que está em nós e que é nós, e talvez a única lição que venhamos a aprender neste planeta, é que devemos amar incondicionalmente o nosso próximo, e que esse “próximo” inclui a Natureza, a Vida e seus infinitos seres.

O Mestre Philippe de Lyon continua vivo entre nós, pois é o Anjo Guardião dos Martinistas, dos Cavaleiros Benfeitores, dos terapeutas do corpo e do coração, dos Nobres Viajantes, dos autênticos Servidores

Desconhecidos do Cristo, e de todos aqueles que militam no Secreto Exército do Bem, que humildemente e em nome do Amor, sacrificam com frequência sua felicidade, sua paz, sua saúde, sua reputação e seus meios materiais para socorrer e aliviar a dor e o sofrimento dos seres visíveis e invisíveis, passados, presentes e futuros.

Diante de suas flores, escutando o canto dos

pássaros e diante da luz branca que se filtra tênue através dos ramos das árvores, diante da beleza e do amor puro que evoca em nosso coração sua adorada lembrança, estas palavras consoladoras e redentoras, ressoam sempre em nossa alma:

“É preciso que acrediteis na imortalidade da alma, que Deus não vos deixou sós. Ele vos deu uma alma que é parte d’Ele e que está convosco.

Não rejeites a Luz. De tempos em tempos, o Céu enviou, em diferentes pontos do globo, encarregados de trazer a Luz, e se a rejeitas, das trevas menos espessas nas quais vos encontrais, sereis imersos em trevas mais escuras.

Ninguém, vos asseguro, ninguém vos ama tanto como eu. Se sentisses o que eu sinto, saberíeis que não somos senão Um.

Eu estarei sempre convosco, não diante de vós, mas convosco. Quando encontréis vossa carga demasiado pesada, pedi a Deus que alivie vossas penas ou pensai em mim e vos prometo que sereis aliviados se estais animados por boas intenções, já que sem elas, tampouco eu vos escutarei.

Prometo-vos que estarei sempre convosco, o prometo de novo e o juro, que nenhum de vós será perdido. Se vos perdeis, irei buscar-vos por todas as partes onde estivestes, ainda que seja no fundo do grande inferno.

Deus é testemunha de que não entrareis no Céu sem ter-me voltado a ver. Estais sob meu império e não entrarei no Paraíso senão quando vós mesmos retornes e entres nele.

Amai-vos uns aos outros e vos prometo que no momento de vossa morte um só pensamento vosso me levará até vós. Estarei aí!”

**AMAI-VOS UNS AOS OUTROS, O CÉU
TUDO PODE!**

Sobre a Castidade



*"Quando levantardes o Filho do homem, então conhecereis quem Eu Sou, e que nada faço por mim mesmo; mas falo como meu PAI me ensinou".
(João 8, 28)*

Este trabalho foi composto, especialmente, para as almas religiosas. Parece-nos todavia que ele pode ser lido e meditado, com proveito, por toda alma desejosa de viver em toda a delicadeza, seja qual for a vocação que a Providência lhe tenha atribuído.

"Foi para que tua alma sempre permanecesse pura como um cristal, meu filho, que escrevi este livro. Porque conservar pura a própria alma, e assim chegar à idade de homem, é a mais sublime tarefa da vida".

"Lembra-te, ó mulher, que um dia Me darás conta dos pecados que os outros cometeram devido à ocasião que deste!".

"Escuta, filho, os preceitos do Mestre, e inclina o ouvido do teu coração; recebe de boa vontade e executa eficazmente o conselho de um bom pai, para que voltes, pelo labor da obediência, àquele de quem te afastaste pela desídia da desobediência"

(São Bento - Regra, prólogo)

O Verbo Eterno, vindo a este mundo, escolheu para Sua Mãe uma Virgem e para pai adotivo, um virgem.

Com toda a razão, pois, exclama o grande doutor da Igreja, Santo Atanásio: "Ó santa pureza, és o templo do Espírito Santo, a vida dos Anjos e a coroa dos Santos!".

"Ó castidade, tu fazes o homem semelhante aos anjos" exclama Santo Efrem.

Essa comparação é muito acertada, pois os anjos vivem isentos de todos os deleites carnis; eles são puros por natureza; as almas castas, por virtude. "Pelo mérito desta virtude, assemelham-se os homens aos anjos" diz Cassiano.

Diz São Bernardo: "O homem casto difere do anjo não em razão da virtude, mas da bem-aventurança; se a castidade do anjo é mais ditosa, a do homem é mais intrépida".

Santo Efrem chama a castidade de "a vida do espírito"; São Pedro Damiano, "a rainha das virtudes".

Ninguém melhor que o Espírito Santo saberá apreciar o valor da castidade. Ora, Ele diz: "Tudo o que se estima não pode ser comparado com uma alma continente" (Eclesiastes 26), isto é, todas as riquezas da terra, todas as honras, todas as dignidades, não lhe são comparáveis.

Grande, portanto, é a excelência da castida-

de; mas também terrível é a guerra que a carne nos declara para no-la roubar.

É, por isso, coisa muito rara sair-se ileso ou mesmo vencedor deste combate. Santo Agostinho diz (Serm. 293): “O combate pela castidade é o mais renhido de todos: ele repele-se cotidianamente, e a vitória é rara”.

Por isso, todos os que desejam conservar a virtude da castidade devem ter suma cautela: “É impossível que te conserves casto, diz São Carlos Borromeu, se não vigiares continuamente sobre ti mesmo, pois negligência traz consigo mui facilmente a perda da castidade”.

Da Vigilância sobre os Pensamentos

Almas que temem a Deus e não possuem o dom do discernimento e são inclinadas aos escrúpulos, pensam que todo mau pensamento que lhes sobrevêm é já um pecado. Elas estão enganadas, porque os maus pensamentos em si não são pecados, mas só e unicamente o consentimento neles.

A malícia do pecado mortal consiste toda e só na má vontade, que se entrega ao pecado com claro conhecimento de sua maldade e plena deliberação de sua parte.

E, por isto, Santo Agostinho ensina que não pode haver pecado onde falta o consentimento da vontade.

Por mais que sejamos atormentados pelas tentações, pela rebelião de nossos sentidos, pelas comoções ou sensações desregradas de nossa natureza corpórea, não existe pecado algum enquanto faltar o consentimento, como ensina também São Bernardo, dizendo: “O sentimento não causa dano algum, contanto que não sobrevenha o consentimento”.

Assim como as más obras nos separam de Deus, também os maus pensamentos nos afastam d'Ele e nos privam de Sua Presença.

“Pensamentos perversos nos separam de Deus” (Sabedoria 1, 3).

Devemos considerar três coisas quando se trata de um pecado de pensamento, a saber: a sugestão, a deliberação e o consentimento.

Sob a palavra sugestão entende-se o primeiro pensamento que nos incita a praticar o mal que nos vem à mente. Esta instigação ou incitamento ainda não é pecado; se a vontade a repele imediatamente, é mesmo uma fonte de merecimentos.

“Para cada tentação a que opuseres resistência, se te deverá uma coroa”, diz Santo Antônio.

Até os Santos foram perseguidos por tais pensamentos.

São Bento revolveu-se sobre os espinhos para vencer uma tentação impura, e São Pedro de Alcântara lançou-se em poço de água gelada. São Paulo nos conta que também ele foi tentado contra a pureza: “*E para que a grandeza das revelações não me ensobresse, foi-me dado um espinho em minha carne, um anjo de satanás para me esbofetear*” (2Cor 12, 7).

O Apóstolo suplicou várias vezes ao Senhor que o livrasse desse inimigo: “*Por essa causa roguei ao Senhor três vezes que o afastasse de mim*”. O Senhor não quis dispensá-lo do combate e respondeu-lhe: “*Basta-te a minha graça*”.

E por que não queria o Senhor livrá-lo? Para que adquirisse maiores méritos por sua resistência à tentação: “*Porque a virtude se aperfeiçoa na fraqueza*”.

São Francisco de Sales diz que “*quando um ladrão procura arrombar uma porta, é porque não está ainda dentro da casa; assim também, quando o demônio tenta uma alma, é porque se acha ela ainda na graça de Deus*”.

Santa Catarina de Sena foi uma vez horrivelmente atormentada pelo demônio, durante três dias, com fortes tentações impuras. Apareceu-lhe então o Senhor para consolá-la, e ela perguntou-lhe: *“Mas onde estivestes, Senhor meu, durante estes três dias?”* O Cristo respondeu-lhe: *“Dentro do teu coração, dando-te força para resistires à tentação”*. E o Senhor deu-lhe a conhecer que o seu coração estava, depois da tentação, mais puro que antes.

À sugestão segue-se a deleitação.

Quando nos damos ao trabalho de repelir imediatamente a tentação, sentimos nela uma certa complacência ou prazer, que nos vai arrastando ao consentimento.

Mesmo então, se a vontade não dá seu assentimento, não há pecado mortal; quando muito, poderá haver pecado venial.

Se, porém, não recorrermos então a Deus e não nos esforçarmos por resistir à tentação, facilmente nos sentiremos arrastados ao consentimento.

Segundo as palavras de Santo Anselmo (De similit., c. 40): *“Se não procuramos impedir a deleitação, ela se transformará em consentimento e “matará a alma”*.

Havendo pleno consentimento, perde-se a graça de Deus, quer se tenha o desejo de cometer um pecado determinado, quer se pense ou reflita com prazer no pecado como se o estivesse cometendo. É o pecado de desejo.

Se fores, pois, molestada por tais tentações, alma cristã, não debes perder a coragem, antes, animosamente combater, empregando os meios que te vou indicar, e não sucumbirás.

Recorrer imediatamente a Deus, sem entrar em diálogo com a tentação. Logo que se apresentar ao nosso espírito um pensamento impuro, devemos elevar a Deus imediata-

mente o nosso pensamento ou dirigi-lo a qualquer objeto indiferente.

A recepção assídua do Santo Sacramento da Comunhão.

A “Santa Comunhão”, confere uma grande força na resistência às tentações.

O “Sangue” de Cristo, que recebemos na Sagrada Comunhão, é chamado pelos Santos de “Vinho gerador de Virgens” (Zacarias 9, 17).

O vinho natural é um perigo para a castidade; este Vinho Celestial é o seu conservador.

A fuga da ociosidade é outro meio. O Espírito Santo diz (Eclesiastes 33, 21): *“A ociosidade ensina muita coisa má”*, isto é, ensina a cometer muitas transgressões.

“Quem trabalha é tentado por um demônio só; quem vive ocioso, é atacado por uma multidão deles”, diz São Boaventura.

Outros meios consistem no emprego de todas as precauções exigidas pela prudência, tais como:

a modéstia dos olhos; a vigilância sobre as inclinações do coração; a fuga das ocasiões perigosas, etc.

A Modéstia dos Olhos

Quase todas as paixões que se revoltam contra nosso Espírito, tem sua origem na liberdade desenfreada dos olhos, pois os olhares livres são os que despertam em nós, de início, as inclinações desregradadas.

O pensamento está intimamente ligado ao olhar. Santo Agostinho diz: *“Do olhar nasce o pensamento, e do pensamento a concupiscência”*.

Primeiramente olhamos, depois desejamos, e

finalmente, consentimos.

Por isso nos assegura São Jerônimo que o “Demônio” só necessita de nosso começo: dá-se por satisfeito se lhe abrimos a metade da “porta”, pois ele saberá conquistar a outra metade.

“As primeiras setas que ferem as almas castas, diz São Bernardo, e não raro as matam, entram pelos olhos”.

São Gregório diz: *“Se não reprimires os olhos, tornar-se-ão ganchos do inferno, que à força nos arrastarão e nos obrigarão, por assim dizer, a pecar contra a nossa vontade”.* *“Quem contempla objeto perigoso, acrescenta o Santo, começa a querer o que antes não queria”.*

Se quisermos conservar a castidade, devemos nos fazer “cegos” por Virtude, abstendo-nos de olhar o que possa despertar em nós os maus pensamentos. À vista seguem-se as imaginações pecaminosas, que acendem o fogo impuro do desejo. São Francisco de Sales dizia: *“Quem não quiser que o “inimigo” penetre na “fortaleza”, deve conservar as “portas” fechadas”.*

E São Gregório diz: *“Não é lícito contemplar ou extasiar-se com a vista daquilo que não é lícito desejar”.* Supondo, mesmo que a liberdade que se concede aos olhos não produzisse outros males, impediria sempre o recolhimento da alma durante a oração, pois tudo o que vimos e nos impressionou, apresenta-se aos olhos de nossa alma e nos causa uma imensidade de distrações. Quem já tem reco-

lhimento de espírito durante a oração pode ser privado dessa graça dando plena liberdade aos olhos. Um cristão que vive sem recolhimento de espírito não pode praticar as virtudes cristãs da humildade, da paciência, da mortificação, como deveria.

Guardemo-nos, por isso, de olhares “curiosos”, e olhemos mais para objetos que elevam para Deus o nosso Espírito. *“Olhos baixos elevam o coração para o Céu”*, dizia São Bernardo.



Observando a modéstia, edificamos sumamente os outros e os estimulamos à prática da virtude, pois segundo São Paulo se dirigindo aos seus discípulos (I Coríntios 4): *“Somos o espetáculo dos anjos e dos homens”.* Pessoas devotas são observadas pelos anjos e pelos homens.

É celebre o que se conta de São Francisco de Assis: Uma vez deixou o monastério junto a um companheiro, dizendo que ia pregar; tendo dado uma volta pela cidade com os olhos baixos, entrou novamente no monastério. *“Mas quando farás o sermão?”*, perguntou-lhe o companheiro, *“Já o fiz”*, respondeu-lhe o Santo, *“consistiu todo no resguardo dos olhos, do que demos exemplo ao povo”.*

Santo Ambrósio diz que a modéstia das pessoas virtuosas é uma exortação muito poderosa ao coração dos mundanos. *“Quão belo não seria se te bastasse apresentares em público para fazeres bem aos outros!”.*

De São Bernardino e Sena se conta que, mesmo antes de entrar para a vida monasti-

ca, bastava só a sua presença para pôr fim às conversas livres de seus companheiros; mal o avistavam, diziam uns para os outros: Silêncio, Bernardino vem vindo; e então calavam-se ou começavam a falar de outras coisas.

Santo Efrem, segundo São Gregório de Nissa, era tão modesto, que a sua visão estimulava à devoção, e não se podia vê-lo sem se sentir levado a se tornar melhor.

O imperador Maximiano, que fora disso informado, temendo sentir a sua influência e ser obrigado a converter-se, citou-o à sua presença, mas não quis vê-lo, e sujeitou-o ao interrogatório ocultando-o às suas vistas por uma cortina estendida entre os dois.

Concluo com as palavras de São Basílio á seus monges: *“Se quisermos que nossa alma tenha suas vistas sempre postas no Céu, filhos queridos, conservemos nossos olhos sempre voltados para a terra”*. Afastai meus olhos, Senhor, para que não vejam a vaidade” (Salmo 118, 37)

Da Guarda do Coração

A modéstia dos olhos pouco nos servirá se não vigiarmos o nosso coração.

“Aplica-te com todo o cuidado possível à guarda do teu coração”, diz o Sábio (Provérbios 4, 27), “porque é dele que procedem as fontes da vida”. É aqui o lugar apropriado para se dizer algumas palavras sobre as amizades.

As Santas Amizades

A amizade, segundo São Tomás, é mesmo uma virtude. A perfeição não proíbe que se cultivem amizades, diz São Francisco de Sales; exige somente que sejam santas e edificantes, a saber, só devem ser mantidas aquelas uniões espirituais por meio das quais duas, três ou mais pessoas, comunicam entre si seus

exercícios de devoção, seus desejos piedosos e sentimentos nobres, tornando-se como que um só coração e uma só alma para a glória de Deus e o bem espiritual próprio e alheio. Com toda a razão podem tais almas exclamar: *“Vede quão bom e suave é habitarem os irmãos em união”* (Salmo 132, 1).

São Francisco diz mais, que em tal caso, o suave bálsamo da caridade destila de coração em coração por meio dessas mútuas comunicações, e bem pode-se dizer que Deus lança Sua benção sobre tais amizades, por toda a eternidade (Filipenses., III, c. 19). Tais amizades são recomendadas pela Escritura, em termos eloquentes: *“Nada se pode comparar com o valor de um amigo fiel, e o valor do ouro e da prata não iguala a bondade de sua fidelidade”* (Eclesiastes 6, 16). *“Um amigo fiel é um remédio para a vida e a mortalidade, e os que temem o Senhor encontram um tal”*.

Num estado religioso, num Círculo, onde reinam a disciplina e a ordem, todos os membros tendem ao mesmo fim, à perfeição, e não é necessário travar amizades particulares para animar-se mutuamente ao serviço de Deus e ao trabalho do aperfeiçoamento próprio. Os que, vivendo no mundo, desejam dedicar-se à prática da virtude verdadeira e sólida, precisam, pelo contrário, de se unir aos outros por uma amizade santa e edificante, para poderem, por meio dela, se animar, se auxiliar e se estimular ao bem. Há no mundo poucas pessoas que tendem à perfeição e muitas que não possuem o espírito de Deus e, por isso, é preciso que os bons, quanto possível, evitem os que podem impedir seu adiantamento espiritual e travem amizade com os que os podem auxiliar na prática do bem.

As Amizades Naturais

Quanto às amizades puramente naturais, deve-se dizer que elas têm seu fundamento na nossa natureza, que nos compele a amar nos-

soz pais, nossos benfeitores e todos aqueles em quem vemos belas qualidades e com quem simpatizamos. Esta espécie de amizade é o laço da família e da sociedade, mas facilmente degenera em amizades falsas; por exemplo, se os pais, por um carinho demasiado, toleram as faltas de seus filhos, ou se um amigo ofende a Deus para agradar a seu amigo, etc. As amizades naturais só são agradáveis a Deus se as santificarmos por meio da boa intenção; por exemplo, amando a nossos pais e amigos por amor a Deus.

Santa Teresa combate-as porque elas formam “linhas e partidos”. Santa Joana de Chantal, porque “trazem a desunião”. São Vicente de Paulo, porque são “uma injustiça, pois dão a uma o que deve ser de todas”.

A santidade e a perfeição não destroem nem prejudicam em nada as puras afeições da Terra; os santos não vão amar só a Deus, à força de não amarem ninguém, mas sim amar todos mais do que a si próprios, à força de amarem mais a Deus do que a tudo.

Não se trata, pois, de matar o coração nos castos, mas de regularizar os seus “movimentos”, de conduzi-lo à retidão. Logo, amemo-nos no “estado” de Cristo, como se amam os bem-aventurados.

“Sede amiga de todas as vossas irmãs e íntima de nenhuma”, Diz Santo Afonso de Ligório.

As Amizades Perigosas

Por amizades perigosas entendem-se, em particular, as sensuais, isto é, aquelas que se baseiam sobre uma complacência sensual, sobre a fruição comum dos prazeres dos sentidos, sobre certas qualidades fúteis e vão de espírito e coração.

Todas as amizades que têm sua origem em afeições meramente materiais são, pelo menos, um grande impedimento à perfeição, ainda que não dessem ocasião a outras coi-

sas. Elas, no mínimo, fazem-nos perder o espírito de oração e recolhimento interior; a alma que está presa por uma afeição natural poderá achar-se corporalmente na igreja, mas seu espírito estará se entretendo com o objeto de seu amor; perderá o amor aos Santos Sacramentos; não será mais sincera para com seu confessor, temendo que ele a obrigue a romper com essa cadeia e, envergonhando-se de lhe descobrir sua afeição, não lhe dirá a causa de sua tibieza, e assim se agrava, de dia para dia, seu estado lastimoso. Ao ouvir que fala mal da pessoa amada, se enfurece, defende-a calorosamente; descuida-se da obediência, pois quando o confessor a exorta a renunciar a tal amizade, procura mil desculpas para não ter de obedecer. Não é só grande a perda espiritual que se sofre com essas amizades baseadas sobre certas qualidades externas de uma pessoa, mas, principalmente se for do outro sexo, é também enorme o perigo que se corre de se se perder. No começo tais amizades parecem indiferentes; “São como o fogo e a palha” diz São Jerônimo. Pessoas de diferentes sexos abraçam-se por causa da muita familiaridade, com a mesma facilidade com que a palha atingida pelo fogo.

Essas cadeias são difícilísimas de romper, e só o conseguirá quem as quebrar violentamente, de uma só vez. É uma máxima aceita por todos os mestres da vida espiritual de que, neste ponto, não há outro remédio senão fugir e afastar-se da ocasião. São Filipe Néri costumava dizer que, nesse combate, só os covardes saem vencedores, isto é, os que fogem da ocasião.

Podemos resistir aos outros vícios ficando na ocasião, diz São Tomás, fazendo violência contra nós mesmos; mas o vício contrário à pureza, só o poderemos vencer fugindo da ocasião e renunciando às afeições perigosas.

Se sentires, porém, teu coração livre e desembaraçado de tais afeições, toma todo o cuidado possível para não te emaranhares em

laço algum, como já se tem dado a muitos em razão de sua negligência, eis o conselho que te dá São Jerônimo “*Se, no trato com alguém, notares que alguma afeição desregrada se quer apoderar de teu coração, apressa-te a sufocá-la antes que se torne um gigante. Enquanto o leão é ainda pequeno, pode ser facilmente trucidado; uma vez crescido, tornar-se-á mui difícil e humanamente impossível*”.

São Tomás de Aquino diz “*Quanto mais santas são as pessoas pelas quais sentimos afeição particular, tanto mais devemos nos acautelar, porque o alto apreço que fazemos de sua virtude mais nos estimula ainda a amá-las*”.

O “demônio”, a princípio, nos inspira amor à virtude daquela pessoa, depois o amor à própria pessoa e, finalmente, nos lança na perdição. O “demônio” sabe perfeitamente esconder tal perigo: no começo não dispara seta alguma que pareça envenenada, mas só as que excitam a afeição, ocasionando leves feridas do coração; em seguida, quando o amor já está aceso, essas pessoas já não se tratam mais como anjos, mas como homens de carne e sangue: trocam repetidos olhares e palavras amorosas, desejam estar muitas vezes a sós, juntas e, por fim, a piedade espiritual degenera em amor carnal.

São Boaventura indica cinco sinais dos quais se pode deduzir se a afeição que a alguém nos prende é impura:

- Primeiro: se se entretêm conversas inúteis; e inúteis são todas as que levam muito tempo.
- Segundo: se ocorrem olhares e louvores mútuos.
- Terceiro: se se desculpam as faltas reciprocamente, evitando correções para não desagradar.
- Quarto: se aparecem pequenos ciúmes.
- Quinto: se a separação causa certa inquietação.

O trato mui assíduo com outro, com demonstrações de afeição, tem por consequên-

cia tornar nocivo o amor, visto que ele prende estreitamente um coração ao outro, obscurecendo a afeição crescente cada vez mais à razão.

Em pouco tempo só quererá um o que o outro quer, e então não terá mais coragem de resistir ao outro quando for convidado ao mal, e, assim, ambos se perderão.

Aqui na terra cada um de nós anda por caminhos escabrosos e em trevas, e se, além disso, ainda um anjo mau, isto é, um mau companheiro, que é pior que um demônio, nos persegue e impele à perdição, como poderemos escapar ilesos?

Platão dizia: “*Tomarás os mesmos modos daqueles com quem convives*”.

Segundo São João Crisóstomo, para se certificar dos hábitos de alguém, basta saber com quem ele anda, já que os amigos ou são ou fazem-se semelhantes uns aos outros. E isso por duas causas: primeiro, porque um se esforça por imitar o outro para lhe ser agradável; segundo, porque o homem, como nota Sêneca, é inclinado a fazer o que vê os outros fazerem.

Dos israelitas lemos: “Eles se mesclaram com os gentios e aprenderam suas obras” (Salmo 105, 35).

Devemos, portanto, não só fugir do comércio com os impuros, diz o Sábio, mas também nos conservarmos longe de seus caminhos: “*Meu filho, não andes com eles e não ponhas o pé em seus caminhos*” (Provérbios 1, 15).

Não travemos amizade com homens viciosos, evitando tomar parte em sua mesa, banquetes ou outros convívios com eles. Deves evitar os amigos que dão escândalo e envenenam a tua alma com maus exemplos e conversas perversas. É impossível evitar todo o comércio com eles, porque então teríamos de sair deste mundo; contudo, é bem possível evitar um trato mais familiar.

O “demônio” serve-se dos maus amigos como de iscas, segundo Jeremias, para prender as almas em suas redes de pecado. *“Meus inimigos, sem motivo, prenderam-me como se prende uma ave”* (Jr 3, 52).

É exatamente essa a astúcia do “demônio”, diz Santo Efrem: *“Capturada uma alma em sua rede, serve-se dela como de uma armadilha para prender à outra”*.

Da Virgindade

São Cipriano denomina a multidão de virgens que se consagram ao amor de seu Divino Esposo, de *“a mais nobre porção da Igreja de Cristo”*.

Vários outros Santos Padres, como Santo Efrem, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São Jerônimo, São Crisóstomo, escreveram livros inteiros em louvor da virgindade.

Aqui simplesmente faremos uma instrução para os que levam uma vida virginal sem terem emitido o voto de castidade.

As almas virgens são extraordinariamente belas aos olhos de Deus: *“Serão como os Anjos de Deus no Céu”* (Mateus 22, 30).

Barônio conta que na morte de uma virgem, chamada Geórgia, uma multidão de “pombos” adejavam ao redor da casa e, quando seu cadáver foi transportado à igreja, pousaram no teto, exatamente em cima do lugar onde se achava o caixão, e daí não se retiraram até ser sepultada a piedosa virgem. Esses “pombos” certamente eram Anjos, que queriam prestar as últimas honras àquele corpo virginal.

As almas virginais, que renunciaram ao casamento para se dedicarem exclusivamente ao amor de Cristo, tornam-se esposas do Filho de Deus.

Por isso, tinha razão Santa Inês, respondendo, segundo Santo Ambrósio, aos que lhe ofereciam a mão do filho do prefeito de Roma: *“Ofereceis-me um esposo? Já encontrei um muito melhor”*.

Semelhante resposta deu Santa Domitila, sobrinha do imperador Domiciano, aos que queriam persuadi-la a casar-se com Aureliano: *“Dizei-me: a quem deveria escolher por esposo uma jovem pedida em casamento por um monarca e por um camponês? Para casar-me com Aureliano, teria de renunciar ao Rei do Céu. Ora, isso seria uma loucura inominável, que nunca praticarei”*.

E, firme nessa resolução, deixou-se queimar viva, para poder permanecer fiel à Cristo, a quem consagrara sua virgindade.

Quem poderá imaginar a glória que Deus reserva a Suas castas esposas lá no Céu?

Os teólogos são de opinião que no Céu existe uma glória especial reservada às virgens, uma coroa ou alegria particular, de que estão privados os outros Santos. Mas, dir-me-á uma ou outra jovem: *“Ora, casando-me também poderei santificar-me”*.

Não receberás a resposta da nossa boca, mas da de São Paulo, que te dirá também a diferença que existe entre as virgens e as casadas: *“A mulher virgem pensa nas coisas que são do Senhor, para que seja santa no corpo e no espírito. Mas, a que é casada, pensa nas coisas que são do mundo, em como agradar ao marido. Em verdade, digo isso para vosso proveito... para vos exortar ao que vos convém e vos facilita a orar ao Senhor sem embaraço”* (1Cor 7, 34).

Pode uma lagarta voar? Sem antes passar pelo estágio de crisálida e transformar-se em borboleta não.

Portanto, aquelas almas que são virgens também no corpo, já estão num estágio onde não sentem atrações físicas pelo sexo opo-

to, mas apenas atração pelo que é Divino, pela própria Divindade. Lhe é natural; é intrínseco à sua natureza. São estágios e assim como a Natureza, não devemos dar saltos.

Deve-se, pois, notar que as casadas, sem dúvida alguma, podem ser santas segundo o espírito, ao passo que as virgens, que amam a Deus, o são de corpo e de espírito.

Quantos impedimentos não encontram as casadas na sua tendência à santidade! E esses obstáculos são tanto maiores, quanto mais elevada a sua condição social. Para nos fazermos santos temos de empregar os meios e, antes de tudo, nos consagrar à oração mental, receber amiúde os Santos Sacramentos, e pensar sem interrupção em Deus. Ora, quando uma senhora casada achará tempo para cuidar de aquilo que é do Senhor?

Ela se ocupará com as coisas deste mundo, diz São Paulo, cuidará em agradar a seu marido, olhará pelas necessidades de sua família, pelo seu sustento e vestes, vigiará a educação de seus filhos, atenderá aos parentes e amigos, pensará continuamente nos seus afazeres; seu coração ficará assim dividido entre seus filhos, seu marido e Deus. Como encontrar tempo para se entregar a longas orações mentais, para receber muitas vezes a Comunhão, se nem lhe resta tempo para cuidar de todas as obrigações de sua casa e estado?

O marido quer ser atendido, os filhos gritam e choram, querendo mil coisas diversas. Como meditar entre tantos cuidados e perturbações?

Muitas mães de família nem mesmo aos domingos podem ir à igreja. É verdade, ela pode conservar a sua boa vontade, mas sempre lhe será custoso cuidar, como convém, do que é do Senhor. Não há dúvida de que pode adquirir grandes merecimentos em razão de tais provas, entregando-se à Vontade de Deus que, em tais condições, não quer mais do que um sacrifício perene de resignação e

paciência; mas, no meio de tantas distrações e tribulações, é quase impossível, é mesmo heroico, praticar a virtude da paciência e conformidade, sem o exercício da oração e a recepção dos Sacramentos... Mas, prouvera a Deus que as senhoras casadas nada mais tivessem a deplorar do que a falta de tempo necessário para seus exercícios de piedade.

A conduta do marido, os desgostos causados pelos filhos, os negócios da casa, as molestas atenções que se devem à sogra e aos cunhados, as suspeitas, as inquietações de consciência quanto à vida conjugal e educação dos filhos, tudo isso origina um mar de tribulações, no qual passam sua vida entre suspiros e lágrimas.

E felizes se conseguirem salvar sua alma e alcançarem de Deus a graça de não deixarem o inferno desta vida para se precipitarem no outro!

Esta é a bela sorte das jovens que se consagram ao mundo...

Mas, entre tantas mulheres casadas, não haverá uma só que se santifique? Sim, existem também Santas casadas. Porém, quais são estas? As que se santificam pelo martírio, que sofrem tudo por amor de Deus, com uma paciência que nada abala. Mas, quantas se elevarão a tal perfeição?

Ah! Muito poucas. E se encontrares uma, veremos que deplora amargamente ter escolhido o partido do mundo, tendo podido, com tanta facilidade, consagrar-se ao Cristo.

Verdadeiramente felizes são aquelas virgens que se consagram por inteiro e exclusivamente ao seu Divino Salvador. Estas estão livres dos perigos em que se acham as casadas. Seu coração está desembaraçado do apego aos filhos e marido, aos bens transitórios, ao luxo vão ou a outras coisas do mundo.

E, quando as mulheres casadas se veem obrigadas a empregar muitos cuidados e grandes somas com seu traje, para aparecer ao mundo à altura de sua posição e agradar a seu marido, a virgem que se consagrou a Cristo se contenta com um vestido simples e desataviado, pois, do contrário, daria escândalo. Todos os seus pensamentos e cuidados tendem a agradar a Cristo, a quem dedicou seu corpo, sua alma e todo seu amor.

Assim, possui ela também mais liberdade de espírito para pensar em Deus e mais tempo para se entregar à oração e receber os Sacramentos.

Se não te sentes chamada, alma cristã, ao estado conjugal, nem ao religioso, mas desejas fazer-te santa no mundo, como verdadeira esposa de Cristo, toma a peito os seguintes conselhos:

Para a santificação, não é suficiente que uma virgem traga ilibada a sua pureza e use o nome de esposa de Cristo; é preciso também praticar as virtudes de uma esposa de Cristo.

No Evangelho é o reino dos Céus comparado a umas virgens. Mas que virgens? Às virgens prudentes e não às loucas.

Aquelas foram introduzidas na sala das núpcias; a estas foi a porta fechada e ouviram do Esposo: Não deixais de ser virgens, mas eu não vos reconheço por esposas minhas.

As verdadeiras esposas de Cristo seguem o Esposo para onde quer que Ele vá (Apocalipse 14, 4). Que quer dizer seguir o Esposo? Santo Agostinho explica que é prender-se a Ele.

Depois de Lhe teres sacrificado teu corpo, debes ainda consagrar-Lhe todo o teu coração, de tal forma que só te ocupes em amá-lo. Para isso, debes empregar os meios para pertencer exclusivamente a Ele.

O primeiro é a oração mental, a que te

deves dedicar com todo o zelo.

Não julgues que, para isso, é necessário se recolher a um convento ou passar todo o dia na igreja. Não há dúvida que em uma casa de família há barulho e perturbações de pessoas que entram e saem; mas quem tem boa vontade encontra sempre jeito e tempo para fazer suas orações; por exemplo, de manhã, antes de se levantarem as pessoas da casa, ou de noite, depois de já se terem recolhido. Também não se requer que se esteja sempre de joelhos; podem-se recitar as orações durante o trabalho ou caminhando; basta elevar o pensamento a Deus, pensar na Paixão de Cristo ou meditar sobre qualquer outro assunto espiritual.

O segundo meio é a recepção assídua dos santos sacramentos da Penitência e Eucaristia.

Quanto à Comunhão, não é muita coisa se for recebida só por obediência; deve-se ter desejo dela, e pedi-la. Esse Divino Pão quer ser desejado e que se tenha fome d'Ele.

A Comunhão é que faz com que as esposas de Cristo permaneçam fiéis a seu Divino Esposo, já que a Ela devem em especial à conservação de sua pureza.

Este Divino Sacramento conserva na alma toda espécie de virtudes, sendo, porém, seu efeito principal, conservar ilibado (não tocado, puro, sem mancha) o lírio da virgindade, dando-Lhe o profeta, por isso, o nome de "nutrimento dos escolhidos e vinho que gera virgens" (Zacarias 9, 17).

O terceiro meio é o recolhimento e a vigilância.

Uma alma que só quer viver na sociedade, entre divertimentos e distrações mundanas, não poderá permanecer fiel a Cristo. Deve, pelo contrário, estar sempre circundada dos espinhos da abstinência. Os espinhos são o que protegem os lírios, isto é, as virgens; sem

eles, perder-se-ão em pouco tempo.

Assim, uma virgem é bela aos olhos de Cristo se leva uma vida retirada e se se esconde, quanto possível, aos olhos do mundo.

Pessoas verdadeiramente virtuosas preferem desfigurar-se a si mesmas a tornar-se objeto de amor criminoso. Se, por desgraça, acontecer tornar-se uma virgem, vítima de uma violência qualquer, sem culpa sua, não deve inquietar-se com isso, já que sua pureza não fica alterada. Foi o que Santa Lúcia respondeu ao tirano que a ameaçava de entregá-la ao prostíbulo: *“Se eu for desonrada contra minha vontade, receberei uma coroa dupla”*.

Com razão se diz: Não o sentimento, mas o consentimento fere a alma.

O quarto meio é a mortificação dos sentidos.

Uma virgem que quer conserva-se pura, diz São Basílio, deve ser pura na língua, pura nos ouvidos, pura nos olhos, pura no tato, pura principalmente no espírito, esforçando-se por resistir aos maus pensamentos.

Vós, que ledes estas linhas, dirijo-me àquelas que se sentem chamadas pelo Divino Esposo, vós, que quereis pertencer a Cristo, não vos obrigueis desde já por um voto, nem façais, logo no começo, o voto de castidade perpétua; fazei esse voto quando Deus vos o inspirar e o confessor o permitir. Aconselho-vos, porém, que agradeçais a Cristo, vos ter chamado a Seu especial amor, e vos ofereçais ao Senhor como coisa que Lhe é consagrada e própria para todo o sempre.

Do Voto de Castidade

Procuremos a esposa dos Cânticos, que sabe perfeitamente avaliar as qualidades desse Esposo Divino, e perguntemos-lhe: Quem é o vosso amado, ó santa esposa? Quem é aquele que possui todo o vosso coração e vos tor-

nou a mais feliz das mulheres?’ Ela responde: Meu Amado é branco e vermelho: é branco por Sua pureza, e vermelho pela chama do amor em que se abrasa por Sua esposa; em uma palavra, Ele é tão belo, tão perfeito em todas as virtudes, que não há nem pode haver um outro esposo mais nobre ou mais amoroso que Ele.

“Nem quem O iguale em Sua grandeza, nem em Sua beleza, nem em Sua generosidade”, diz Santo Euquério.

Por isso escreve Santo Inácio de Antioquia: *“Aqueles bem-aventuradas virgens, que se consagraram a Cristo, podem estar certas de que não encontrarão, nem no céu nem na terra, um esposo tão belo, tão nobre, tão rico, tão amável como Aquele que lhes foi dado, o Cristo”*.

Santa Clara de Montefalco dizia que prezava tanto sua virgindade, que antes queria sofrer durante toda a sua vida as penas do inferno, do que perder esse Valioso Tesouro.

Com toda a razão, pois, muitas virgens virtuosas renunciaram a casamentos principescos para permanecerem esposas de Cristo. Santa Joana, infanta de Portugal, renunciou à mão de Luís XI, rei da França; a Beata Inês de Praga, à do imperador Frederico II; Isabel, filha do rei da Hungria e herdeira do reino, à de Henrique, arquiduque da Áustria, e muitas outras procederam do mesmo modo.

Uma virgem que se consagra ao Senhor, diz Teodoreto, está livre de todo o cuidado inútil. Não tem outra coisa a fazer senão entreter-se contínua e familiarmente com Deus. Isso indica o Apóstolo quando diz que a virgem *“é santa no corpo e na alma”* (I Coríntios 7, 34); santa no corpo pela castidade, santa no espírito por seu viver íntimo com Deus.

“Se ela não tivesse outra recompensa a esperar, diz Santo Anselmo, só por estar livre dos cuidados seculares e não ter outra obrigação, já deveria ser tida por sumamente feliz”. Do que se vê que as virgens não só receberão uma imensa

glória no Céu, mas já serão recompensadas antecipadamente aqui na terra, com uma paz inalterável. As virgens que se consagram ao amor de Cristo, ofertando-Lhe o lírio da pureza do coração, tornam-se tão agradáveis a Deus como os Santos Anjos.

Diz-se ainda, na Sagrada Escritura, que o Esposo Divino “*se apascenta entre os lírios*” (Ct 2, 16). Esses lírios representam as virgens que conservam sua pureza por amor de Deus.

O expositor nota o seguinte nessa passagem dos Cânticos: “Enquanto o demônio procura a imundície da impureza, Cristo descansa entre os lírios da castidade”.

O que, porém, deve aumentar consideravelmente a nossos olhos o valor da virgindade, é o louvor extraordinário que lhe tece o Espírito Santo, dizendo: “*Tudo o que se aprecia não é comparável a uma alma continente*” (Eclesiastes 26, 20).

São Bernardo acrescenta que a virgindade habilita a alma, de um modo todo especial, a ver o Divino Esposo nesta vida pela fé, e na outra pela luz da glória.

Bem aventurados os pobres de Espírito porque...

Grande é a satisfação de Cristo quando alguém se associa ao número de Suas esposas.

Desposando o Cristo uma tal alma, quer que todo o Céu se alegre com Ele e entoe hinos de regozijo: “*Alegremo-nos e exultemos e demos-Lhe glória, porque são chegadas as bodas do Cordeiro e Sua esposa está ornada*” (Apocalipse 19, 7).

Os ornamentos com que Cristo quer ver ataviadas Suas esposas são as virtudes, particularmente o amor e a pureza, que são apresentadas nos Cânticos como coroas de prata e de ouro: “*Nós te faremos umas cadeias de ouro listradas de prata*” (Ct 1, 10). São estas as

vestes pomposas e as joias com que o Senhor atavia Suas esposas, e das quais fala Santa Inês: “*Ele circundou minha direita e meu peçoço com um colar de pedras preciosas, revestiu-me com um hábito bordado a ouro e ornado com artísticos relevos e deslumbrantes adornos*”. Os seculares buscam coisas terrenas, mas as esposas de Cristo nada mais querem senão Deus; por isso delas se pode afirmar ao pé da letra: “*Esta é a geração dos que buscam a Deus*” (Salmo 23, 6).

“*Ó esposas do Redentor, exclama São Tomás de Villanova, não deveis buscar qual de vós sobrepuja as outras por seu nascimento, seus talentos ou fortuna; examinai, antes, quem é mais agradável ao Esposo Divino, quem vive unida mais intimamente a Ele, quem é mais humilde, pobre e obediente*”.

Ouçamos também o que diz o Espírito Santo: “*Filho, quando entrares ao serviço de Deus... prepara tua alma para a tentação*” (Eclesiastes 2, 1), para sofreres com humildade e paciência, pois “*o ouro e a prata se provam no fogo, e os homens que Deus quer receber, na fornalha da humilhação*”.

“*Ninguém pode servir a dois senhores*” (Mateus 6,24), a Deus e ao mundo; quem, portanto, quiser consagrar-se a Deus deve renunciar ao mundo, e quem quiser tornar-se esposa de Cristo deverá exclamar incessantemente: “*Deus só, é todo o meu tesouro e meu único bem*”.

Como poderás, alma cristã, te incomodares com o mundo, depois de te consagrares a Deus? Esquece de tudo e procura guardar o teu coração inteiro para teu Divino Esposo, que escolheste para Lhe dedicares todo o teu amor.

Dissemos: teu coração inteiro, porque Cristo quer que Sua esposa seja “*um jardim fechado e uma fonte selada*” (Ct 4, 12); um jardim fechado, pois não deve receber a ninguém mais senão a seu Divino Esposo; uma fonte selada, porque esse Divino Esposo é zeloso e

não permite que encontre entrada no coração de sua esposa outro amor que o amor por Ele.

Por isso diz-Lhe: *“Quero que me coloques como um selo sobre teu coração e sobre teu braço”* (Ct 8, 6), *para que a ninguém mais ames senão a Mim, e para que todos os teus atos sejam feitos com a única intenção de Me agradares.* O Amado é colocado como um selo sobre o coração e o braço, diz São Gregório, quando a alma mostra por sua vontade (isto é, o coração) e por suas ações (isto é, o braço), quanto ama a seu celeste Esposo.

Quando o amor divino reina numa alma, expulsa toda a afeição que não se refere a Deus, pois *“o amor é forte como a morte”*.

Como nada há que possa resistir à veemência da morte quando é chegada a sua hora, assim também não há nenhum impedimento e nenhuma dificuldade que não seja superada pelo amor divino, quando ele se apodera de um coração. *“Se um homem der todas as riquezas de sua casa, ele as desprezará como se nada tivesse dado”*.

Um coração que ama a Deus despreza tudo o que lhe oferece e pode oferecer o mundo; numa palavra, ele despreza tudo o que não é Deus.

São Bernardo diz que Deus, como nosso Senhor, exige de nós temor; como Pai, respeito; como Esposo, porém, unicamente amor.

A Venerável Francisca Farnese não conhecia meio mais eficaz para estimular a si e às suas companheiras a tender à perfeição, do que a recordação de que eram esposas de Cristo. Está fora de dúvida, dizia ela, que cada uma de vós foi escolhida por Deus para se tornar santa, pois que vos concedeu a grande honra de vos fazer Suas esposas. E, de fato, é essa uma graça inapreciável, que exige uma fiel cooperação.

Santo Agostinho escreveu a uma virgem con-

sagrada a Deus: *“Tens um Esposo que é mais belo que tudo o que existe no Céu e na terra, e que Te deu um penhor seguro de Seu amor escolhendo-te para Sua esposa. Podes concluir disso quão obrigada estás a pagar o Seu amor”*.

Ó esposa de Cristo, não te ocupes mais contigo e com o mundo; não pertences mais ao mundo, nem a ti mesma, mas a Deus; e cuida unicamente em viver para esse Esposo que escolheste. Escolheste a Deus por Esposo, mas primeiramente te escolheu o Senhor para Sua esposa. Quantas almas não deixou Ele no mundo, não lhes concedendo os favores que a ti fez? O Salvador preferiu-te a todas essas almas, não por seres mais digna, mas por te amar mais que às outras.

Por isso, se o mundo solicitar o teu amor, ó esposa de Cristo, diz-lhe como Santa Inês: *“Aparta-te de mim, pábulo da morte. Desejas o meu amor, mas eu não posso amar a mais ninguém do que a meu Deus, que me amou primeiro”*.

“Porque és a esposa de um Deus, diz São Jerônimo, reveste-te de um santo orgulho”.

Os seculares se orgulham de sua união com pessoas nobres e ricas; tu, porém, podes te vangloriar de uma sorte muito melhor, porque te tornaste esposa de um Rei Celeste. Dize, pois, cheia de alegria e santo orgulho: *“Achei a quem meu coração ama; prendê-lo-ei com meu amor e não O largarei mais”* (Ct 3, 4).

De fato, é uma imensa felicidade para uma virgem quando ela pode dizer: *“Aquele a quem os Anjos do Céu desejam servir, é meu Esposo. Meu Criador escolheu-me para Sua esposa, e, como Ele é o Rei e o Senhor do mundo, cingiu-me igualmente com uma coroa de rainha”*.

Deves saber, entretanto, ó esposa do Senhor que lês esses louvores, que irrevogavelmente não possuis essa coroa enquanto permaneceres aqui na terra; poderás perdê-la novamen-

te por tua culpa; para que ninguém lha roube, segura-a fortemente (Apocalipse 3, 11). Renuncia às criaturas, une-te cada vez mais intimamente a Cristo pelo amor e pela oração, e suplica-Lhe sem cessar que não permita que te tornes outra vez infiel. Deves dizer-Lhe: Ó Cristo, meu divino Esposo, não permitais que me separe de Vós. E quando as criaturas quiserem apoderar-se de ti e daí expulsar Cristo, dize desassombadamente com o Apóstolo, confiada na assistência divina: *“Quem me separará do amor de Cristo? Nem a morte, nem a vida, nem criatura alguma será capaz de nos separar do amor de Deus”* (Romanos 8, 35).

Da Necessidade da Oração para a Defesa da Castidade

Logo que sentir em vós alguma tentação, faizei como as crianças quando veem um animal perigoso; correm logo para os braços do pai ou da mãe, ou pelo menos chamam-nos em seu auxílio. Recorrei de igual modo a Deus, suplicando a sua misericórdia e socorro.

Os apóstolos seguiram um dia Cristo, que subia para uma barca, e o Senhor adormeceu. De repente surge uma tempestade; a barca vai ser tragada pelas ondas. *“Senhor, exclamam os discípulos, salvai-nos, que perecemos”*. Cristo diz-lhes: *“Que temeis homens de pouca fé?”*. E, levantando-se, ordena ao mar que serene, e restabelece-se a tranquilidade (Mateus 8 23,26).

A barca é a nossa alma; o mar é a vida, exposta às mais variadas e às mais imprevistas tormentas; o naufrágio parece iminente. Não receeis nada; “o bom Cristo terá o cuidado de vos despertar. Ele parece dormir no auge da tempestade; mas virá o momento em que ELE mandará às ondas que se detenham. Quer que recorramos a ELE, e ama-nos tanto”!

Santa Teresa

É principalmente das tentações tão delicadas que atingem o que há em nós de mais íntimo, que provém *“a divisão da alma e do espírito, a medula do ser”* (Hebreus 4,12), como diz São

Paulo. *“Quando a alma está em perplexidade, o seu grande refúgio deve ser ainda a oração”; ela escapa a todos os perigos, ao subir até Deus.*

Assim faz a ave sobre as margens do Oceano; quando vê a maré subir, levanta voo e ri-se do perigo; *“é em vão que se lançam redes diante dos que tem asas”* (Provérbios 1, 17).

O poder da oração

Quando pedimos algum bem temporal, e mesmo certas graças, tendentes ao aperfeiçoamento da nossa alma e à plenitude da nossa vida espiritual, pode ser que a nossa prece contrarie os designios da Providência. Neste caso, Deus faz-nos sofrer, sem injustiça, a recusa da Sua Bondade ou as dilações de Sua Misericórdia. Mas, nas surpresas da tentação, é a nossa salvação que está em jogo: sem recusas, sem delongas, toda oração bem feita deve ser necessária e imediatamente eficaz. *“Tudo o que vós pedirdes a meu Pai em meu nome, (ou seja, para defender o estado de comunhão com o Cristo interno e pessoal) obtê-lo-eis”* (São João 15, 16).

Há promessas especiais para a conservação da pureza, pois o Salvador ordena-nos que peçamos o seu auxílio contra a tentação e contra a invasão do mal. Os santos conhecem bem esta força e são hábeis no manejo desta arma. *“Senhor, dizia Santa Cecília, guardai o meu coração imaculado, e que eu não seja confundida”*. A resposta do Céu não tarda: aparece-lhe um anjo que desempenha o papel de seu guardião.

Que prodígios obtiveram as virgens na época das perseguições e no decurso dos séculos para a conservação da castidade!

“Acontece muitas vezes, diz São Gregório, que as tentações vêm assediá-las, e o número delas é tão grande que a nossa alma corre o risco de cair no abismo do desespero; ela lança os olhos para todos os lados, e não descobre senão as trevas mais densas; mas tenha essa alma confiança em Deus: de repente o Senhor compraz-se

em dissipar as nuvens e em restituir a luz de Sua Graça. Então a alma, que tinha sido humilhada e mergulhada nas trevas, encontra-se transformada em celestes claridades e inundada de alegria“.

Devemos nos manter sempre aos “pés” de Nosso Senhor, como nosso único refúgio.

O viajante que é surpreendido pela chuva, procura uma árvore ou uma gruta para se abrigar; instintivamente, a criança que brinca na rua, corre, ao primeiro ruído, à menor ameaça, para a casa paterna. Habitue-mo-nos a implorar primeiro o socorro de Deus; façamos da confiança uma prática tão familiar que nos faça recorrer logo a Ele.

Do Sacramento da Penitência

Bem-aventurados, diz São João, os que lavam as suas “vestes” no “sangue” do cordeiro” (Apocalipse 22, 14).

Aplicam-se estas palavras ao mártir que restitui à alma, em todo o seu brilho, *a sua primeira “veste” (Lucas 15, 5).*

Elas entendem-se igualmente do sacramento da penitência: Toda alma lavada desta maneira é esposa, e o Filho do Rei une-se a ela. É, portanto, uma fonte divinamente preparada, onde as castas se purificam das fraquezas quotidianas e refazem o vigor da sua juventude... O sacramento da penitência é uma força e uma luz.

É uma força

“A confissão frequente purifica cada vez mais a nossa alma das suas sujidades, e por ela conseguem-se não só a remissão dos pecados, mas também auxílios mais poderosos para resistir às tentações” (Santo Afonso de Ligório).

Como as palavras dos doutores do Cristianismo são belas e precisas! Em duas palavras aqui temos os frutos diretos do sacramento da penitência relativos à castidade: purifica,

fortifica.

Ela confere força que conjura o regresso do mal

A experiência ensina que se está mais alegre, mais resoluto, mais forte depois de uma boa confissão.

Não é de admirar que São Francisco de Sales tenha dito aos tentados: *“Confessai-vos mais frequentemente”*; e que Santo Afonso de Ligório tenha assegurado á essas almas que *“elas se tornariam invencíveis com a confissão frequente”*; com a condição de se ser, não escrupuloso, mas perfeitamente delicado.

É uma luz

O sacramento da penitência oferece um outro aspecto igualmente favorável à castidade: é uma luz. Quando, pois, o demônio vos perturbar, ide procurar o vosso confessor; abri de par em par o vosso coração e pedi conselhos e encorajamentos.

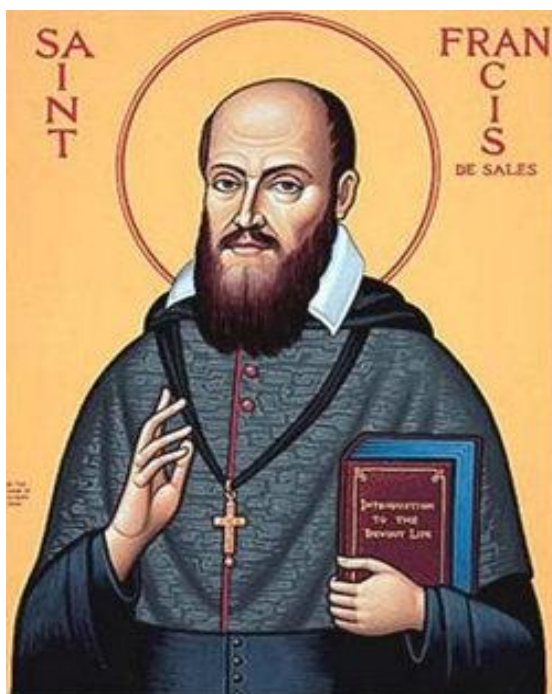
O demônio, como todos os malfeitores, detesta a luz. Quando um rato anda a forragear num armário, o melhor meio de desalojá-lo é abrir o armário. A primeira condição que o maldito põe à alma que quer seduzir, é a condição do silêncio, como fazem os sediciosos nas conspirações. *“Uma tentação confessada já é meio vencida” (São Filipe de Néri).*

“Escutai uma pobre pecadora, Senhor, escutai a sua confissão. Pois, vós o ordenastes, chamarei um dos vossos amigos, dir-lhe-ei as minhas misérias; eu quero, com o seu auxílio e com os seus conselhos, robustecer-me no vosso serviço, consolidar-me na paz, armar-me contra os meus inimigos (defeitos). Eu não posso confessar todos os dias as minhas pobres fraquezas; mas eu encontro-vos, ó meu Deus, na solidão do meu coração; ensina-me a nunca vos deixar, ou antes a reencontrar-vos sem demora”.

(atribuído a São Bernardo).

A Santa Comunhão

São Francisco de Sales, na sua tão graciosa como simples linguagem, ensina-nos o soberano meio de conservarmos e robustecermos a castidade: “As lebres, diz ele, tornam-se brancas entre as nossas montanhas, no inverno, por que não veem nem comem senão neve; assim, à força de adorardes e comerdes a beleza, a bondade, a própria pureza no divino sacramento, tornar-vos-eis toda bela, toda boa e toda pura”. A santa comunhão, “força da alma e do corpo”, é fonte de castidade para a alma e para o corpo.



Princípio de Castidade para a Alma

A santa comunhão é, efetivamente, para a alma:

“o pão da vida” (S. João 6, 35)

“de uma vida mais abundante” (S. João 10, 10)

“o antídoto das transgressões”

Ela produz entre Deus e a alma:

“uma mais íntima união” (S. Tomás)

“um aumento de graça” (S. Tomás)

“um acréscimo de vida espiritual” (S. Tomás)

“Ela repara a “perda” (da castidade) causada pelas fraquezas quotidianas; ela inebria suavemente as divinas bondades”. (São Tomás).

Durante este trabalho de transformação em Deus, é impossível que a castidade não seja mais estimada, mais saboreada e mais fortemente apoiada.

A Eucaristia é anunciada como:

um “vinho destinado a suscitar uma germinação de virgens” (Zacarias 9,7)

um “vinho que inspira e dá a virgindade” (Cornélio a Lápide)

um “vinho que torna as almas angélicas” (S. Bernardo)

As virgens que são santas de corpo e de espírito vão beber este vinho para encontrarem nele o inebriamento e a alegria que lhes faz seguir a verdadeira Igreja que não está na Terra, e para que um dia lhes apliquem estas palavras: “No seu séquito, as virgens serão conduzidas ao Rei, Inebriam-se com esse vinho aqueles que seguem o Cordeiro para toda a parte para onde Ele vai; (que O “ouvem”, que “escutam”, sentem seus “movimentos”, instruções no “silêncio” desta “presença”) são as virgens a quem nenhuma aliança humana maculou”.

A Eucaristia é uma semente de castidade, melhor ainda, de virgindade. Por meio dela Santa Catarina de Sena tornou-se uma virgem angélica; Cristo desposou-a e ela viveu só da santa comunhão. Foi ainda da hóstia dos altares que veio a São Casimiro o amor da virgindade, da qual foi como que o mártir; “Cristo parecia ter irradiado sobre ele os esplendores da sua própria castidade” (Cornélio a Lápide).

No santuário e no tabernáculo “tudo respira inocência; tudo toma uma voz para recomendar a pureza. E o pão sem fermento, o vinho sem mistura, a cera tal como a dá a abelha, os vasos sagrados de um metal incorruptível”.

Respira-se nestes lugares, não sei que

“perfume” de castidade, que impede a alma de se corromper.

As doçuras que se saboreiam na “Mesa Sagrada” desprendem do amor das alegrias sensuais e fazem-nas esquecer.

Que é que as virgens desejam afinal mais ardentemente do que a conservação da virgindade?

E Nosso Senhor parece dizer-lhes: *“Quando vós sois puras, tendes ainda necessidade de mim para permanecerdes na vossa pureza”*.

Princípio de Castidade para o Corpo

O **“trigo dos eleitos”** e o **“sangue da taça divina”** vivifica as regiões da nossa alma que estão privadas de sabedoria, e torna-as razoáveis” (Santo Ambrósio). Então, *“tornada, em certo modo celeste, a alma já não tem as mesmas relações com a terra”*, e o nosso corpo recebe a sua parte *“do remédio instituído contra as doenças causadas pelo fruto mortal”* (São Tomáz).

A Eucaristia, diz São Tomáz é um alimento medicinal, cuja virtude cura, no corpo e na alma, o veneno das más concupiscências. A Eucaristia produz efeitos imediatos no corpo; diminui o foco do desejo, tempera os ardores e acalma a impetuosidade do temperamento.

Assim quando (Cristo-Hóstia) nos visita durante o estio dessecante das paixões, o seu contato virginal faz reflorir a nossa carne; produz na nossa alma o aumento da caridade, e no nosso corpo a diminuição da cobiça. Diminui a fonte das transgressões, dando novas forças ao amor de Deus e uma intensidade nova à vida interior.

“Quando se rega uma árvore na raiz, a frescura e a renovação da vida comunicam-se ao tronco, aos ramos e até às folhas mais afastadas...”.

“Saturada de Deus” (Tertuliano), inundada de Graça, a alma reencontra *“o pleno vigor da*

piedade; as sacudidelas interiores acalmam-se, a triste lei dos membros abrandam-se” (São Cirilo de Alexandria), e os comungantes tornam-se terríveis “leões” que respiram a *“chama”* (São João Crisóstomo).

É impossível, efetivamente, que a Eucaristia dê à alma bem preparada, tantas luzes, força, amor, tudo o que é santo, sem produzir no corpo uma reação salutar.

Cristo une-se misticamente à alma que ele desposou na fé, no batismo, e na virgindade; ama o corpo dele como o seu, e protege-o mais especialmente, quando está nele pela sua presença sacramental ou pelos efeitos prolongados do sacramento.

Podemos nós ser “transformados em Cristo, pela virtude da Eucaristia” (São Tomáz), sem que o corpo e a alma participem nessa transformação?

Quando se vai ao “altar”, à “Sagrada Mesa” ou ao mais íntimo do “coração”, precisamente para se obter a força de vencer uma tentação, a graça de perseverar na virgindade, cada um encontra na sua “hóstia” “aquilo de que necessita” (São Tomás).

“Digna-te, ó meu Deus, Pai onipotente, alimentar-me, a mim pecadora, vossa indigna serva, do corpo e do sangue precioso do vosso amado filho, o Cristo, Nosso Senhor. Fazei, eu vos peço, que esta comunhão seja a armadura da minha fé e o escudo da minha boa vontade, a eliminação dos meus vícios, a extinção da cobiça e da concupiscência, o aumento da caridade e de todas as virtudes, finalmente a pacificação de todos os movimentos desordenados, tanto da carne como do espírito”.

(São Tomás de Aquino)

O Sinal da Cruz

Os castos fazem do sinal da cruz a sua arma de predileção. Santa Tereza gostava de acrescentar-lhe o emprego da água benta. O venerável cura d’Ars defendia-se contra “as garras

do inimigo” com o sinal da cruz. A cruz possui “um grande vigor contra o inimigo, porque ela recorda-lhe o Salvador que o subjugou, e porque o sinal da cruz é uma curta invocação do Redentor” (São Francisco de Sales).

A Devoção ao Sagrado Coração

“Quereis vós, resistir às paixões e ao espírito maligno? Retirai-vos para o interior da “pedra rústica”, ao lado aberto de Cristo” (Padre Bernardo de Osimo, 1581).

“Não te admires, se tiveres tentações; mas, no meio do perigo, refugia-te em Deus; apressa-te a encerrar-te no coração de Cristo”. (São Boaventura).

A cruz revela-nos os sofrimentos exteriores do Cristo; o Sagrado Coração revela-nos os seus sofrimentos interiores.

“Vós tendes-me perdoado os meus pecados, vós tendes-me confiado as vossas riquezas espirituais. Entreabrindo diante de mim as águas do mar tempestuoso deste século, vós introduzistes-me no deserto sagrado da religião; vós refrescastes-me com “ondas” da vossa graça, vós chamastes-me para a santidade. Tudo isto está escrito no vosso coração”.

Bem-aventurada Beata Varani

“Ó paz do coração humano, só te encontram no amor e na cruz de Cristo”.

São Francisco de Sales

Esteja habituado a recorrer ao Sagrado Coração, principalmente quando a alma se encontra perturbada, ou preveja ou pressinta a aproximação do inimigo.

A Devoção aos Anjos e às Virgens

O Anjo da Guarda, ama a castidade e é sua protetora. Habituado a se conservar diante de Deus e sentir penetrado do seu olhar,

conhece melhor as suas infinitas delicadezas. Inquieta-se com todos os perigos que nossa alma possa correr, e ajudam-na a purificar-se das suas menores manchas.

No perigo, o Anjo da Guarda adverte-nos; na luta, protege; na dúvida, aconselha; depois da falta, repreende... mesmo que tudo isso passe “despercebido” por nós...

Do Temor de Deus

“O princípio da sabedoria é o temor do Senhor” (Salmo 60, 10). A chave aqui está na interpretação da palavra “temor”.

“A interpretação correta é **RESPEITO** ao direito e ao poder de Deus” (Charles Fielding). O temor é um suplemento ao amor.

O temor guarda a castidade: Pela lembrança da “Presença de Deus”; Pelos pensamentos de seu juízo.

A Lembrança da “Presença de Deus”

A lembrança da “presença de Deus” produz estes três efeitos:

Liberta a alma do pecado, leva-a à prática da virtude, e une-a à Deus pelo laço do santo amor. “Não há meio mais eficaz para dominar as paixões, para resistir às tentações, e evitar assim todas as espécies de faltas” (Santo Afonso M. Ligório). “Se nós pensássemos sempre que Deus nos vê, não faríamos nunca, ou quase nunca, coisa alguma que desagradasse aos seus olhos” (São Tomás).

Ficariamos sob o império “daquele temor cujo fruto é a obediência, e que acaba por se fundir no amor” (Santo Hilário).

Ao findar uma noite de lutas com os demônios, de assaltos contra a castidade, Santo Antão, esgotado de fadiga e vergastado de golpes, vê subitamente um raio de luz que dissipa as trevas, expulsa os demônios e o cura instantaneamente. “Onde estáveis vós,

Senhor, exclama o santo eremita, e *porque não viestes em meu auxílio?* Respondeu-lhe uma voz. *Eu estava ao teu lado desde o princípio, para te encorajar; aí estarei sempre*”.

Os castos que lutam têm por testemunhas a corte e o seu Rei.

Quando a coragem parece abandonar-nos, serve-nos de recurso a convicção de que nenhum dos nossos pensamentos, sentimentos e ações podem escapar ao olhar d'Aquele que vê, ainda mesmo quando todos os outros olhos estão fechados.

Um valente a quem solicitavam para pecar, (e tratava-se de castidade) respondeu simplesmente: *“Procurai um sítio em que Deus não nos veja”* (Vida dos Padres). A casta Suzana encontrou força no mesmo pensamento: *“Vale mais morrer inocente do que pecar na presença do meu Deus”* (Daniel 13, 23).

Deus está tão perto de nós!

“Nós vivemos Nele, permanecemos Nele, todos os nossos movimentos se realizam Nele” (atos 17, 28).

Uma das palavras mais espantosas que até hoje devem ter sido ditas, é a de Santa Tereza: *“Não é apenas diante de Deus, é em Deus que o pecador pratica o seu mal”*.

Os Pensamentos dos Juízos de Deus

Outra espécie de temor, *“infecundo em si mesmo, mas ricos de frutos pela Fé que inspira”* (Santo Hilário) vem ainda em nosso auxílio. É bom meditar os motivos, *“a fim de que, se as nossas faltas nos fizerem esquecer o amor do Senhor eterno, que ao menos o temor das penas nos ajude a não sucumbir ao pecado”* (Santo Inácio).

Aqui, a experiência do “Acusador”; na hora do “Julgamento”: As “chamas” são terríveis e “queimam” a consciência, com a percepção do exato peso e valor dos atos cometidos.

“Você” se torna seu próprio Juiz. Não há como evitar a “pena”, o que seria possível, estando encarnado. O encarnado consegue “burlar” frequentemente a “pena” impondo o intelecto sobre a “Consciência”.

Aqueles que fizeram ao Senhor o dom absoluto da sua vontade devem, para escapar ao perigo de ofender a Deus, fazer como que uma muralha com as grandes verdades da fé, considerando atentamente que tudo acaba, que há um “céu” e um “inferno” (Santa Tereza).

E por terem esquecido este temor e estas verdades que certas almas, cuja pureza *“ultrapassava a brancura do marfim, se transformaram de repente em brasas fumegantes”* (Rodríguez).

Fiel ou regenerada pela penitência, a alma religiosa pode passar, na sua morte, por angústias purificadoras; mas ela é geralmente consolada e *“impaciente por se unir para sempre a Cristo e por entrar no coro das virgens que viveram da renúncia e de castidade”* (São Cipriano).

“As religiosas gravemente infiéis ao seu voto estão muito expostas a acabar na impenitência” (Santo Eusébio de Cesaréia).

Ei-las no tribunal de Deus, diante desta palavra do Evangelho: “Pedir-se-á muito àquele que recebeu muito” (Lucas 12, 48).

A História de Maria Madalena

“Uma mulher pecadora que se encontrava na cidade” (Lucas 7, 37). Há quem veja nela uma criatura frívola e mundana; outros, com mais justiça, ao que parece, acusam-na de ter *“abusado de todos os dons de Deus, para perder nela e nos outros a santa castidade”* (Raban Maur). *“ela tinha profanado tudo, e não podia apresentar a Deus senão ruínas”* (Lacordaire).

“É precisamente em favor dela que Cristo faz o maior de seus milagres”, quando “sem lhe

restituir a flor da inocência, que não murcha senão uma vez, Ele à coroa com uma glória mais austera: a do arrependimento e do amor perdoado” (M. Abade Fonard).

Que misericórdia, nesta conversão, nesta reabilitação e nos privilégios conferidos à pecadora de ontem! O Cristo conhece-a. São como outros tantos apelos que Ele lhe dirige, quando se declara “*enviado para as ovelhas que pereceram em Israel*” (Mateus 15, 24). Depois, aquele “*amigo dos pecadores*” (Mateus 11, 19) vai por amor dela, à casa de Simão, para ali realizar uma obra-prima de graça e de amor. Acolhe aquela transviada com a indulgência do bom Pastor pela ovelha que volta ao redil. Aceita os testemunhos de sua fé, do seu arrependimento, do seu amor. Defende-a contra o austero fariseu. Perdoa-lhe, restitui-a a Deus e à sua livre e generosa natureza na qual os dons do Espírito Santo vão encontrar um terreno maravilhosamente apropriado. Louva-a como ainda se não louvou ninguém. Associa o nome dela ao seu para a eternidade (Marcos 14, 9). Aceita dela a hospitalidade e a esmola e faz-se Mestre da sua vida espiritual.

Veem-na aos “pés” da “cruz”; a primeira aparição do Cristo é para ela. Depois da Ascensão, ela sobe, pela penitência e pelo amor, de degrau em degrau, na virtude, desenvolvendo sem cessar, no corpo e na alma, a pureza que ela recebera, como uma participação santa da pureza de Cristo. (De Bérulle).

Que tinha feito ela para cooperar na graça do regresso? “*Os obstáculos eram numerosos; as suas faltas eram daquelas que enchem de vergonha*” (Gudefr Admont); os fariseus zombariam dela: permitiria a santidade de Cristo que ela se aproximasse? Teria ela coragem para fazer penitência?

Tudo parecia, interior e exteriormente, afastá-la. Mas tudo se confunde naquele sentimento de confiança que ela experimenta pelo “*Salvador dos que se perderam*” (Mateus 18, 11), o caridoso “*médico dos que estão doen-*

tes” (Lucas 5, 31). Ela acorre, humilha-se, ama tanto quanto pecou, “*muito*” (Lucas 7, 47). Depois, a partir da hora do perdão, ela renasce serva de Cristo, “*amante do Senhor*” (Raban Maur). De um salto vai tão depressa e tão longe, que “*começa onde as outras acabam*” (De Bérulle), “*e a sua vida passa-se toda inteira, de futuro, a revestir-se da pureza de Cristo*” (São João Crisóstomo).

Das Alegrias Terrestres da Perfeita Castidade

“*Bem-aventurados os corações puros, porque eles verão a Deus*” (Mateus 5,8).

Todas as vezes que nos encontramos em “*presença*” de uma “*palavra do Salvador*” (pois no silêncio do “*deserto*” até as pedras falam...) , que é uma “*palavra*” operosa (Santo Ambrósio), o que Ela “*diz*” se faz em nós, se a nossa vontade não LHE impõe obstáculo e se coopera nas divinas “*intensões*”.

A Virgindade dá a Felicidade

O Apóstolo São Paulo, respondendo a uma consulta dos fiéis de Corinto, estabelece a verdadeira doutrina relativa à virgindade.

Não há preceito que a ordene (I Cor., VII,25); há circunstâncias em que não é oportuno entrar neste estado (I Cor., VII,9); mas o que ficar virgem “será mais feliz” (I Cor., VII,40).

Em vão tentaríamos explicar ao mundo a felicidade da perfeita castidade: *falta-lhe, para a apreciar, o sentido das coisas divinas (I COR., II, 14). Cristo é, para ele, “um sinal de contradição” (Lucas II, 34), “o Evangelho um livro fechado” (II Cor., IV, 3), “o mistério da cruz, uma loucura” (Cor., I, 18). Faz consistir as suas felicidades fictícias nos nada que divertem e atordoam, ou nas coisas que “matam a alma, afagando o corpo” (V. Beda).*

Depois, semelhante ao desgraçado que, morrendo de fome na rua, lamentasse aquele que se senta a uma mesa farta, põe-se a gritar

que a virgem, no seu interior, não pode encontrar a felicidade.

Insensato! Estão precisamente ali “*as alegrias plenas*” (São João I, 4) que se “*tomam no Senhor*” (São João XV, 11). Interrogai os Consagrados!

“No próprio seio desta vida que eles desprezam e de que fizeram o sacrifício à Deus, Deus, por um milagre permanente da sua misericórdia, tem lhes feito encontrar sempre a alegria e a felicidade *num grau desconhecido do resto dos homens*” (Montalembert).

Quando eles iam procurar, “*na solidão, um abrigo para a castidade, uma muralha contra o mundo e contra si próprios*” (São Pedro Damiano), pintava suas alegrias até nos nomes encantadores que davam aos lugares de seus retiros. “Bom-Lugar, Alegre-Lugar, O Doce Vale, As Delícias, O Reconforto, A Alegria, O Pré-Feliz” (nomes de mosteiros).

A felicidade não pode ser senão o soberano bem, “*Deus, cuja presença contentará todas as aspirações da alma e do corpo*” (São Cipriano).

Mas antes da aquisição desse “*bem perfeito que saciará todo o apetite*” (São Tomás), nada há tão pacificado, ninguém há tão feliz como uma alma cuja vida inteira forma como que uma série de degraus que conduzem à Deus, nosso fim (Suarez). Tal é o caso das virgens que procuram no seu estado “*um caminho mais seguro, um meio de santidade, um foco de amor, um asilo na vizinhança de Deus*” (Vida dos Padres).

O fato de se chamarem (os mosteiros) “Lugar de descanso, Ninho de Ave, Vale da Paz”, não quer dizer que as mansões da virgindade na terra não conheçam tempestades e lutas. Mas em volta desse “*jardim fechado, a castidade forma uma muralha que nada ainda quebrou*” (Santo Ambrósio), e Deus vela com especial cuidado sobre “*esta gloriosa parte do rebanho*” (São Cipriano).

Das Alegrias Celestes da Verdadeira Castidade

O Apóstolo foi arrebatado até ao terceiro Céu e, das alegrias que ali se experimentam não ousa dizer uma palavra, ensinando a discrição àqueles “*que não foram elevados nem ao primeiro nem ao segundo*” (São Francisco de Sales).

Um ramo verdejante e um toco de vela não podem dar a um recém-nascido, que nasceu e cresceu numa masmorra, a verdadeira noção do sol e de um campo florido na primavera; do mesmo modo, nada forma em nós, enquanto encerrados “*na prisão deste mundo*” (Tertuliano), uma ideia do Céu. “No entanto deve dizer-se alguma coisa sobre ele”, assim raciocina São Francisco de Sales.

O Mestre disse: “*Aquele que abandona a sua casa, os seus parentes e tudo mais por amor do meu nome, esse possuirá a vida eterna*” (Mateus XIX, 29). “*Por isso os nomes das virgens estão escritos no livro da vida do Cordeiro*” (Apocalipse XXI, 27); *cujas páginas visíveis são o Evangelho e que existe um exemplar misteriosamente traçado do coração de Cristo* (Apocalipse V, 1).

É fácil passar de uma “*cela*” ao Céu... Quando se “*morre*” (a morte mística, devido à atualização do Cristo Interno) no “*claustro*” (na vida interior), tem-se uma doce segurança de ser salvo, porque é muito difícil perseverar até a “*morte*”, se não se for predestinado para os Céus (São Bernardo).

A religião é a porta do paraíso; “*ser consagrado a Deus neste mundo é já sinal de que se está marcado para ser companheiro dos bem-aventurados*” (S. Lour. Justiniano).

Umam chegam ao termo, depois de “*terem trilhado um longo caminho em poucos dias*” (Sabedoria, IV, 13); outras viram “*o seu exílio prolongar-se*” (Salmo CXIX, 5); (exílio é estar apartado de Deus) “*elas trazem, num corpo quebrado pela idade, uma alma toda jovem e como que perfumada*” (São Gregório de Nazian-

zo).

“A morte é, para elas, como um belo anjo que veio para coroá-las de flores“ (H. Perreyve).

“O desprendimento dos prazeres desabitua-as do corpo e elas já não sentem dificuldade em se separar dele; já desataram, ou quebraram, desde há muito, os laços mais delicados” (Bossuet).

Aprenderam que “a única precaução contra os ataques da morte é a inocência da vida” (Bossuet).



A matriz geradora dos filhos de Deus

Sub tuum praesidium, Virgo Immaculata!
(Sob Vossa Proteção, Virgem Imaculada!)

Conselhos para lembrar

Vigiar com uma atenção, o espírito, o coração e todo o próprio exterior, para ver se realmente não há pensamentos e afeição senão a Deus e aos seus interesses;

Vigiar mais especialmente a imaginação, os

olhares, as atitudes e as palavras;

Repetir frequentemente, sob forma de oração jaculatória: “Bem-aventurados os corações puros, porque eles verão a Deus”.

Recite o Veni, Creator Spiritus.

Conclusão

Para terminar este escrito, devemos consagrar um dia a agradecer a Nosso Senhor as luzes recebidas e a tomar resoluções práticas.

Escrevê-las de forma a fixá-las no espírito e no coração, a fim de podê-las voltar a ler de tempos em tempos.

Bibliografia

Obras básicas utilizadas para a realização deste trabalho:

Tratado de Castidade - Compilação de textos de Santo Afonso Maria de Ligório pelo padre Saint-Omer

Ensaio Sobre a Castidade - por P. F. Maucourant

Final

Peço perdão pelos delírios e divagações, pelas observações, grifos, sublinhados, e destaques pessoais, e pela inserção de textos esotéricos, que talvez, não tenham semelhanças com a esfera na qual as obras básicas utilizadas, que tratam sobre a castidade foram criadas.

Este trabalho foi iniciado no dia 1º de Abril de 2012, quando senti um movimento de uma “leve brisa” em direção ao tema. É o esforço de uma alma indigente para obter o entendimento e de ser “tocada” pelas virtudes celestes; é o esforço de quem está no deserto e sente sede...

A Tradição Martinista por Rene Cossey

As atividades Martinistas ficaram por muito tempo restritas aos países de língua francesa. René Cossey começou a corrigir esta situação lançando o livro *Cinco Cristãos Essências*, em 1984. O interesse foi tão grande que se seguiram várias outras publicações que deram origem ao Colégio Internacional de Estudos Martinistas.

A palavra MARTINISMO hoje, nos reporta a várias definições como diz Robert Amadou:

1. Refere-se ao Sistema Teosófico composto por Saint-Martin, publicado em suas obras;
2. Refere-se à doutrina de Martinez de Pasqually;
3. Refere-se ao CBCS introduzido por Willemoz;
4. Refere-se à Ordem Martinista de Papus.

É uma ordem de Cavalaria Cristã. Uma discreta Fraternidade Filosófica, cujo objetivo é reunir humildes estudantes devotados à Irmandade da Verdade Eterna, a fim de preservá-la e disseminá-la.

Todos nós fomos gerados da mesma fonte, onde se encontra todo o alimento necessário para a nossa subsistência e para a restauração do Reino.

O Martinismo oferece ao homem um caminho de acesso a esta fonte, a fim de que ele se conecte ao que lhe é essencial e possa realmente sair da condição de isolamento em que se encontra.

Todo iniciado pode receber instruções diretamente desta fonte. Pois o renascimento da palavra interior ressuscita a vida em todos os domínios do ser.

Este caminho prepara o:

- CORPO – para os sacrifícios e morte;

- ALMA – para manifestar as virtudes espirituais;
- ESPÍRITO – para entender e espargir a Luz Espiritual em honra e glória ao Criador.

A essência do Martinismo é a PALAVRA ou o VERBO.

Cada iniciado é responsável pela transmissão desta essência, não apenas por palavras, mas principalmente por ações. Isso ocorre quando propiciamos o renascimento da palavra interna. É a marcha do Criador que dá vida e regenera todas as coisas, através das santas operações. Isto nos é comprovado pela EXPERIÊNCIA e pela TRADIÇÃO.

Assim, podemos perceber que a Ordem Martinista possui um corpo e uma vitalidade constituídos pela atividade de seus membros ativos e mestres do passado.

Todo Martinista deve conhecer profundamente as Sagradas Escrituras e criar uma intimidade com a vida e obra dos mestres da cadeia invisível.

Saint-Martin foi um dos maiores expoentes deste corpo doutrinário, traçando um caminho que definiu como um SISTEMA DE VIDA.

Tal sistema defendia a liberdade DO SER, ou seja, o exercício do livre-arbítrio, tal qual previu o Criador. Todo homem é responsável pela sua evolução. É preciso caminhar e construir, através da experiência individual, o reino da consciência, sob a proteção Egérgica.

É fundamental recuperar os fundamentos que nortearam a Ordem Martinista, como uma egérgica manifestada no plano físico:

1. A Ordem deve estar ligada ao invisível

por um ou vários de seus membros.

2. Seus princípios de existência e duração têm sua origem no mundo superior.
3. Seu governo acontece de cima para baixo
4. Os membros do círculo interior é quem decidiram criar Sociedades Simbólicas para a preservação de conhecimentos herméticos.
5. Preservar a Ideia Cristã em sua pureza primitiva. Amenizar no mundo invisível, os deploráveis efeitos do materialismo extremo.

Os ensinamentos estão baseados nas ideias pertencentes aos símbolos encontrados no Templo Martinista e no estilo de vida baseada no uso místico dos ornamentos Martinistas.

O Martinismo possui uma concepção particular sobre as origens do Homem, de seu lugar no esquema da Criação e na relação existente entre o Homem, Deus e o Universo. O objetivo do Martinismo é a regeneração da humanidade através da reintegração individual. Somente quando todas as células da humanidade, que são os homens individuais forem reintegradas na Unidade, é que a humanidade poderá retornar ao seu estado Arquetípico ou Homem Celestial e cumprir seu destino.

Esta Reintegração pode ser alcançada de duas formas:

- 1.- Pelo desenvolvimento interior da espiritualidade e união interna com seu centro.
- 2.- Atuando diretamente sobre as forças que mantém o homem afastado de seu Estado Primordial, através de práticas.

O sofrimento pelo Fogo

Quando sofreremos por conta de nossas obras particulares, infectadas, o fogo é ardente e corrosivo e ainda é mais brando do que a fonte de todas as más obras; assim, tenho dito que a penitência é mais doce que o pecado.

Quando sofreremos por outros homens, o fogo está mais próximo da luz e do óleo. Embora ele dilacere nossas almas e nos inunde de lágrimas, não passamos por este sofrimento sem as delícias do consolo.

No Martinismo o homem tem um caminho traçado:

- ◆ **Reconciliação**
- ◆ **Regeneração**
- ◆ **Reintegração**
- ◆ **Redenção**

- ◆ **Homem da Torrente**
- ◆ **Homem de Desejo – Alma de Desejo**
- ◆ **Novo Homem – Salvador Particular**

O Homem não sairá da Jerusalém sem se revestir da força do alto.

É necessário nos livrarmos do Velho Homem e assumir o Novo Homem, criado à semelhança de Deus.

Abandonar o velho homem com seus hábitos é viver uma nova vida, segundo o Cristo, perfeita imagem de Deus. Um é psíquico, o outro espiritual. Um nasceu da carne, enquanto o verdadeiro nascimento é chamado de renascimento, ocorre no espírito de onde tudo flui. Restaurar a imagem do Criador é assumir o Cristo.

O renascimento, de onde flui a nova vida, é a obra do espírito. Os dois homens estão em luta pela coroa, mas o Novo Homem deve vencer.

Revestir-se do Novo Homem é revestir-se internamente de clemência, bondade, humildade, doçura, paciência, de auxílio e perdão de uns aos outros.

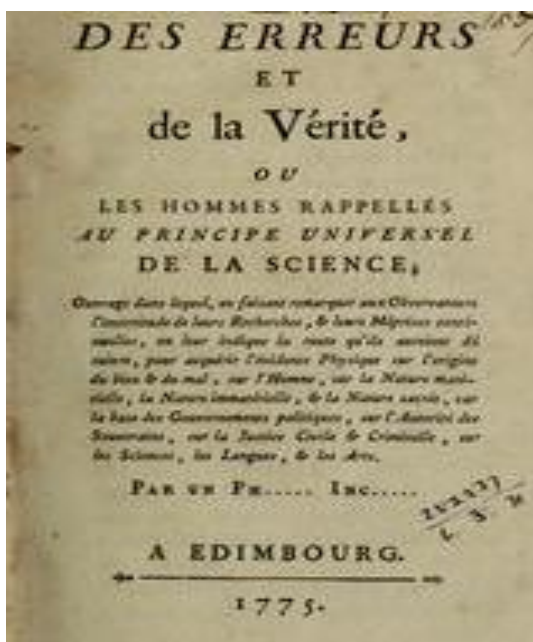
O trabalho do Novo Homem é REGENERAR na vida divina, que é luz e amor. Porque o coração é o céu do homem e sua alma é Deus. Deus é um ser ativo e quer atividade.

A Vontade que é a essência da atividade é primordial em Deus e no Homem feito à Sua imagem e semelhança.

O coração é o lugar que a divindade escolheu para repousar. O homem precisa se movimentar de um estado a outro.

A Característica Essencialmente

Cristã do Martinismo



"Dos Erros e da Verdade" – livro primeiro:

A tese deste livro é a de que pelo conhecimento de sua própria natureza o homem pode alcançar o conhecimento do seu Criador e de toda a Criação, bem como as leis fundamentais do Universo, das quais encontra reflexo na lei feita pelo homem.

Sob essa luz foi mostrada a importância do livre-arbítrio.

"Cuadro Natural das relações que existem entre Deus, o Homem e a Natureza"

O homem teria sido privado de suas aptidões

e seus meios superiores por ter mergulhado na matéria tão profundamente que nisso perdeu a consciência de sua natureza original, que tinha antes da queda e que era um reflexo da imagem de Deus.

Com essa queda o homem ter-se-ia afastado do quadro de seus próprios direitos e deixaria de ser um elo entre Deus e a natureza.

"O Homem de Desejo"

Nesta obra vemos a influência da doutrina de Jacob Boehme. Esta obra lembra um dos salmos que exprime o ardor da alma para com Deus e deplora a alma do homem, seus erros e pecados, sua cegueira e sua ingratidão. Nessa obra, Saint-Martin viu a possibilidade de um retorno do homem a seu estado primitivo. Mas esse retorno só seria possível com o abandono da vida do pecado e seguindo os ensinamentos do Redentor Jesus Cristo, o Filho de Deus, que desceu das alturas de Seu trono Celestial por amor a toda humanidade.

"Ecce Homo"

Saint-Martin adverte para o perigo de buscar a excitação das emoções nas experiências mágicas de baixo nível, das premonições, dos diversos fenômenos que não passam de expressões de estados psicofísicos anormais do ser humano.

"O Novo Homem"

Nesta obra é tratado o pensamento como um órgão de renascimento que permite penetrar no mais profundo do ser humano e descobrir a verdade eterna de sua natureza.

A alma do homem é um pensamento de Deus.

"Do Espírito das Coisas"

Neste livro o autor declara que o homem, criado à semelhança de Deus, pode penetrar

no seio do Ser que está oculto por toda a Criação e que graças a sua clara visão interior, ele é capaz de ver e reconhecer as verdades de Deus depositadas na Natureza. A luz interior é um reflexo que ilumina as formas.

"O Ministério do Homem Espírito"

Aqui o Filósofo Desconhecido completa todas as indicações precedentes, apresentando um objetivo que não é diferente, qual seja, o da ascensão de uma alta montanha. O homem escala impelido por uma necessidade interior e no antegozo da vitória, que traz a liberdade após tribulações e sofrimentos.

É a volta do filho pródigo ao Pai, sempre cheia de caridade e perdão. Isso é alcançar a unidade perfeita com Ele: "O Pai e eu somos um".

"Dos Números"

Trata-se de uma obra inacabada, mas contém muitas indicações importantes que não poderiam ser encontradas em outra parte.

Saint Martin analisou os números de um ponto de vista metafísico e místico. Nos números encontrou uma confirmação da queda e do renascimento do homem.

"O Crocodilo"

Saint Martin descreve nesta obra, através de um poema épico de 102 cantos, a maneira como o mal se insinua nas coisas sagradas e com perfídia ele destila seu veneno para destruir aqueles que são cegos e insensíveis. Mas o mal dispõe de um tempo limitado e pode ser facilmente reconhecido por sinais discerníveis; não pode iludir aqueles que têm a visão da consciência, que observa, e são Cavaleiros de nobres desígnios.

"Nova Revelação"

Saint-Martin trata nesta obra do livre-arbítrio. O homem pode alcançar toda a ver-

dade pelo conhecimento de sua própria natureza mediante todas as aptidões que ele tem: físicas, intelectuais e espirituais.

Deve compreender profundamente a ligação que existe entre sua consciência e seu livre-arbítrio.

Obras Póstumas

Nas obras póstumas do Filósofo Desconhecido foram publicados certos escritos curtos de sua autoria, dentre os quais são destaques:

"**Pensamentos Escolhidos**", numerosos fragmentos éticos e filosóficos, poesias incluindo "o Cemitério de Amboise"

"**Estrofe Sobre a Origem e o Destino do Homem**", pensamentos, além de meditações e preces.

Louis-Claude de Saint-Martin era um Cavaleiro empenhado na busca da luz. Foi reconhecido como um dos maiores místicos da França, mas a obra de sua vida não se limitou às coisas que escreveu. Toda a sua existência foi dedicada à ideia de um grande renascimento da humanidade e ele desencadeou um eco profundo, não somente na França mas também no Oeste e no Leste da Europa. Foi graças à iniciação individual que a sua Ordem obteve facilidades de adaptação e de extensão, que muitos organismos invejaram.

Assim, ele nos lega: "A única iniciação que prego e que procuro com todo o ardor de minha alma é aquela que nos permite entrar no coração de Deus e fazer entrar o coração de Deus em nós, para aí fazer um casamento indissolúvel, transformando-nos no amigo, irmão e esposa do Divino Reparador".

**PURIFICAI-VOS: ECCE HOMO
PEDI: O HOMEM DE DESEJO
RECEBEI: O NOVO HOMEM
AGI: O HOMEM ESPÍRITO**

O Esoterismo do Pai Nosso

O “Pai Nosso” é uma das mais esotéricas das orações Cristãs.

Segundo a Tradição, Cristo teria feito esta maravilhosa invocação ao Pai Celeste, no momento do sacrifício e os ocultistas conhecem bem o trabalho de Eliphas Levi sobre o aspecto oculto do “Pai Nosso”.

Seja qual for a origem desta oração, é fácil perceber sua elevada essência iniciática, mesmo através de uma rápida análise.

Apresentamos aqui um resumo da pesquisa que empreendemos sobre o assunto.

Sem dúvida que, almas ainda mais bem preparadas, poderão aprofundar estes estudos, cuja superfície apenas tocamos nesta apresentação.

No “Pai Nosso” é preciso considerar:

- 1.- A Oração em si;
- 2.- A divisão que contém e seu propósito;
- 3.- Variações desta oração seguindo-se os princípios da Analogia.

A Oração

O “Pai Nosso” é composto de duas partes:

- 1.- A parte exotérica, a única conhecida dos Católicos ocidentais em geral;
- 2.- A parte esotérica, conhecida das Igrejas do Oriente e cuja enunciação é reservada aos sacerdotes.

A parte exotérica inclui a revelação dos poderes que atuam nos três mundos e uma análise da sua forma de atuação.

A parte esotérica une esses poderes à sua origem através da revelação dos mistérios do Grande Arcano. É a síntese dos ensinamen-

tos cujo esboço está contido na primeira parte.

Parte Exotérica

Pai Nosso que estais no Céu,
Santificado seja o vosso nome,
venha a nós o vosso Reino,
seja feita a sua Vontade,
assim na terra como no Céu.

O pão nosso de cada dia nos daí hoje,
perdoai as nossas ofensas,
assim como nós perdoamos a quem nos tem
ofendido

E não nos deixeis cair em tentação,
mas livrai-nos do mal. Amém.

Parte Esotérica

Pois tu és,
A Majestade,
A Ordem,
E o Poder em ação através dos
ciclos geradores.

Esse é o texto da Oração, cuja divisão já está indicada, e da qual falaremos mais adiante. Observemos que as palavras usadas são bem comuns: Pai, Nome, Reino, Vontade, Terra, Céu, Pão, Perdão, Ofensas, Tentação. Isso indica de imediato, que estamos lidando com Leis, ou seja, segundo o método, tão caro aos nossos ancestrais, cada uma destas palavras é uma chave analógica que permite a aplicação da lei expressa a uma série de realidades. Vejamos agora as divisões principais dos Versos.

Divisão dos Versos

Sabe-se que o ocultismo, sem discussão de datas e escolas, fala da existência de três

mundos:

- 1.- Mundo Divino;
- 2.- Mundo Astral ou Moral;
- 3.- Mundo Físico.

Émile Amélineau, em sua obra sobre a gnose Egípcia, ressalta o fato de que todas as escolas gnósticas concordam quanto a existência de três mundos. O mesmo se passa com as escolas de Cabala, Alquimia e Teurgia.

Os três primeiros versos correspondem ao Mundo Divino caracterizado por três termos: PAI, NOME, REINO – sintetizados pelo termo VONTADE.

Terra, Céu, servem de “lugar” entre os dois mundos.

Pão, Perdão, Ofensa correspondem ao mundo da Vontade humana.

Tentação e transgressão correspondem à carne e ao mundo físico.

Mundo Divino

Deus é analisado sob Sua tripla manifestação:

O Pai (Pai Nosso), existindo em todos os céus, ou seja, em todos os planos em que o nosso Ideal possa se revelar seja o plano físico, astral ou divino. Esse Pai Se manifesta através de dois outros aspectos, o Verbo (Teu Nome), cujo verdadeiro conhecimento deve ficar reservado aos iniciados, a fim de que não seja profanado, (Santificado seja).

O Espírito Santo (Teu Reino), a realização viva da Divindade em todas as suas encarnações e que se inicia em todo lugar pela invocação do Advento Universal (... venha). Finalmente, a Unidade divina aparece nesta misteriosa invo-evolução da Vontade (Tua Vontade) cuja corrente de amor corre por toda a criação desde a matéria (Terra) em todos os seus planos, até o Espírito, o Ideal (Céu) em todas as suas hierarquias.

É essa corrente misteriosa (evocada por Hermes no principio da sua Tábua de Esmeralda) que liga o Mundo Divino ao mundo humano, do qual falaremos a seguir.

Mundo Humano

A corrente do Amor Divino nos penetra a todo instante da vida, trazendo o Pão espiritual, cuja influencia salutar devemos assimilar diariamente.

No entanto, freqüentemente fechamos nossa alma a este influxo divino, assim como o Sol que ilumina a Terra, não pode penetrar as profundezas da cova que cavamos para nós mesmos ao mergulharmos na Matéria ao invés de evoluir em direção ao Espírito.

Quais são os meios de abrir nosso ser ao nosso Pão Espiritual de cada dia?

O verso a seguir nos ensina:

“Cada ofensa feita contra nossa imortalidade divina é um débito que adquirimos livremente contra nós mesmos, uma carga da qual teremos que nos livrar através do sofrimento na próxima encarnação”.

Como ensinou Pitágoras, geramos incessantemente o nosso futuro pelo uso que fazemos do presente. Há um meio de abrir rapidamente a porta de nosso céu interior, que é:

“Sacrificar um pouco do nosso egoísmo em favor de nossa universalidade”

Nossa vida egóica está em nós, mas nossa vida moral encontra-se nos outros. Somente ao agir em benefício dos outros é que agimos de forma evolutiva. Agir em benefício próprio é agir de forma involutiva e obscura.

Aquele que me ferir contrairá um dívida moral comigo, cujo pagamento tenho a liberdade de adiar à vontade. Como consequência

de seu ato, ele se torna meu escravo, por assim dizer. Se mantiver o ódio pelo seu ato e se penso em vingança, então me torno egóico e voluntariamente gero o mal que causará minha morte espiritual.

Caso eu perdoe, então me universalizo, e atuo de forma divina. Com isso destruo não apenas o mal que faria a mim mesmo, mas também o mal que meu inimigo fez a si mesmo. Eu progrido de acordo com meus meios. Eu promovo a evolução de toda a humanidade ao tornar duas almas atrativas, que antes poderiam permanecer em estado repulsivo, talvez por séculos, o que poderia atrasar a reintegração final.

O perdão livre e desinteressado é, portanto, uma das mais belas formas de apelar a Providência, que poderia nos ser revelada.

Através disto, podemos perceber a importância da palavra PERDÃO do ponto de vista da criação consciente, pelo homem, de sua Imortalidade.

Mundo Físico

Esta criação, chamada de Pecado, ou seja, do mal feito para nós mesmos, é a chave da nossa encarnação no mundo da Carne, no Mundo Material, neste mundo de Tentações Físicas.

Foi o Adão Espiritual, que através de seu desejo de se unir à Matéria, na esperança de se tornar mais forte que Deus, quem criou em suas moléculas – em nós – a Tentação pelo o baixo mundo. Nosso tempo presente está seriamente doente devido ao erro que vem da mesma fonte. Vem de dois poderes, a Idéia nua e aparentemente sem poder, e o Dinheiro que é tão poderoso em nível universal, tanto que o profano gravita ao redor do Dinheiro, sem parar para perceber que tal poder é ilusório apenas e que uma pilha de ouro diminui na medida em que se deseja exercer sua influencia sobre um grande nu-

mero de seres.

Por outro lado, a Idéia é multiplicada pelo número de seres que a encarna, e cresce com o tempo.

Entre o Espírito, o Ideal sutil e a matéria ou manifestação instantânea, Adão escolheu a última, e desta escolha surgiu o Mal, o Pecado e a Encarnação que cada uma das moléculas Adâmicas – ou seja, cada ser humano deve matar dentro de si ao clamar pela União com a Idéia-Providência através do progressivo Sacrifício da Matéria-Destino.

A chave para esta evolução, para essa potencial união de Deus e do Homem, resume-se a um único princípio: o PERDÃO.

O Pai Nosso pode acabar aqui para aqueles que possuem apenas os dois primeiros graus da iniciação; mas os que ainda têm vontade irão além e evocarão o grande mistério da constituição divina.

Levantaremos o véu, na medida do possível, sem correr perigo, através da seguinte relação:

Pois, Tu és	
A Majestade	Princípio do Pai
A Ordem	Princípio do Filho
E o Poder	Princípio do Espírito

Nos Elohim – Princípios Criativos do Céu, Homem e terra, ou seja, os Três Mundos, manifestações da Vontade Divina.

Resumiremos o que foi dito até aqui numa relação final, para depois tratar das adaptações do “Pai Nosso”.

MUNDO DIVINO

Pai Nosso que estais no Céu
Santificado seja o vosso Nome,
Venha a nós o vosso Reino

Pai; Verbo; Espírito Santo.

Invo-Evolução (lugar)

Seja feita a Sua Vontade
Assim na terra como no Céu

Passagem do plano Divino para o Astral/Moral**Mundo Moral**

O Pão Nosso de cada dia nos dá hoje
Influência constante da providencia sobre nós

Homem

Perdoai as nossas ofensas,
Assim como nós perdoamos a quem nos tem
ofendido
Auto-criação de nosso Futuro
Através de nosso presente

Mundo Físico

Não nos deixeis cair em tentação
Mas livrai-nos do Mal.
Destruição do Mal pelo nosso pacto com
Deus

Síntese de Tu que és a majestade,
A Ordem,
E o Poder
Em ação através dos Helohims (ciclos geradores)
Amem.

Parte esotérica.

Adaptações do Pai-Nosso

O estudo apresentado aqui aborda a análise da oração de Cristo sob dois aspectos:

- 1.- A constituição da oração em si.
- 2.- As divisões secretas e seu propósito.

De fato, hesitamos muito antes de publicar este estudo, já que nos parecia impossível de completá-lo, visto a grandeza do modelo tomado como ponto de partida. Mas uma consideração importante nos encoraja agora: é a certeza de que se o estudo for imperfeito, pelo menos indicam um caminho para quem

desejar se aprofundar.

Lembramos que os termos do “Pai Nosso” constituem uma série de leis capazes de serem aplicadas independentemente nos três mundos.

Além do mais, indicamos que esta profunda oração dá a chave para a Ação Divina em si sobre o mundo material e moral, e da reação do homem sobre o divino por meio da grande Lei do PERDÃO com todas as suas ocultas conseqüências.

Agora iremos deixar as considerações teóricas de lado para dar o resultado de algumas adaptações dos termos Pai, Nome, Reino, Vontade, Terra, Céu, etc. que constituem as leis gerais sobre as quais as adaptações estão fundamentadas.

Adaptações do Ideal

(Imagem do Pai no Mundo Astral)

Realizador perfeito
Que se encontra
Em meu Céu interior
Que teu Nome seja revelado e manifestado
Que Tua influência evolutiva
Seja realizada
Que teu domínio seja espalhado por todo o meu corpo
Assim como está espalhado pelo meu coração
Manifeste a mim a cada dia
A certeza de tua presença
Perdoa as minhas fraquezas
Assim como perdô aqueles
Fracos mortais, meus Irmãos,
Preserva-me das miragens da matéria perversa
E livrai-me do desespero.
Pois tu és a Majestade,
O Equilíbrio
E o Poder
Na eternidade de minha Intuição.

Adaptações da Verdade

(Imagem do Pai no Mundo Intelectual)

Verdade Viva
 Que se encontra em minha alma imortal,
 Que teu Nome seja confirmado
 Através da obra
 Que tua manifestação
 Seja revelada
 Que tua lei venha até a matéria
 Assim como veio até o Espírito
 A idéia criativa nos daí hoje
 Perdoai a minha ignorância
 Assim como perdoo os ignorantes,
 Meus Irmãos
 Afastai-me da Negação estéril
 E livrai-me da duvida mortal
 Pois tu és o Princípio,
 O Equilíbrio
 E a Regra.
 Na unidade de minha Razão.

Adaptação ao Sofrimento

(Princípio Paternal da Redenção no Mundo material)

Ó Sofrimento Beneficente
 Que se encontra na Raiz da minha encarnação
 Que teu nome seja abençoado
 Pela coragem da provação
 Que tua influencia seja compreendida
 Que teu fogo purificador possa ser consumido pelo corpo
 Assim como tem sido consumido pela alma
 Venha envolver a cada dia
 Minha natureza indolente,
 Vem e destrói minha preguiça e meu orgulho
 Assim como destruístes a preguiça e o orgulho
 Dos pecadores, meus Irmãos!
 Livra-me da covardia que me afasta de Ti,
 Pois só Tu podes me libertar do mal que criei
 Pois tu és o Purificador e o Equilibrador
 E o Redentor

Por todas as minhas existências

Adaptação Cabalística

Ó Yod Criador
 Que estais em Ain-Soph
 Seja kether, o Teu Verbo, abençoado
 Possa Tiphereth, o esplendor de teu reino
 Espalhar teus raios,
 Possa Yahweh Tua lei cíclica
 Reinar em Malkuth
 Assim como reina em Kether
 Conceda a Neshamah a cada dia
 A iluminação de uma das 50 portas de Binbah
 Coloque a Infinita Misericórdia de Chesed
 Contra as cascas que crio em meu Imago
 Quando não compreendo um dos 32 caminhos de Chokmah, e emana o rigor de Ruach sobre meus Irmãos.
 Afaste Neshamah das atrações de nephesh e livrai-nos
 De Nahash
 Pois tu és Resh, o Senhor de Tiphereth o esplendor criativo de Yesod
 A Matriz ou El ou Yod ou Mem
 Em Elohim

Bem, seres tão poderosos como estes Elohims são raros aqui neste mundo material. Só conheci um: o Mestre Philipe e Ele nos ensinou:

“Tentem ser bons;
 Tenham tolerância para com todos e com as faltas dos outros;
 Não fale mal dos outros;
 Tenham confiança absoluta no Pai;
 Tenham piedade do sofrimento dos outros;
 Só há evolução na participação do sofrimento dos outros e nunca ao se fechar e afastar numa torre de marfim, por medo de perder a pureza ou a sabedoria”.

É por isso que tentamos despertar uma pequena parte da humanidade, espalhando algumas idéias que não se originaram em nossa própria mente e propagando as duas grandes virtudes que veio até nós dos Céus: BONDADE e TOLERÂNCIA.

Contos Espirituais

Reparando o Erro

Era uma vez um dono de uma bem sucedida farmácia numa cidade do interior. Este, era um homem bastante inteligente mas não acreditava na existência de Deus ou de outra coisa além do seu mundo material.

Um certo dia, estava ele fechando a farmácia quando chegou uma criança aos prantos dizendo que sua mãe estava passando mal e que se ela não tomasse o remédio logo iria morrer.

Muito nervoso, e após muita insistência da criança, resolveu reabrir a farmácia para pegar o remédio. Sua insensibilidade perante aquele momento era tal que acabou pegando o remédio mesmo no escuro e entregando a criança que agradeceu e saiu dali as pressas.

Minutos depois percebeu que havia entregado o remédio errado para a criança e que se sua mãe o tomasse seria morte instantânea. Desesperado, tentou alcançar a criança, mas sem êxito. Sem saber o que fazer e com a consciência pesada, ajoelhou-se e começou a chorar e dizer que, se realmente existia um Deus, que não o deixasse passar por assassino.

De repente, sentiu uma mão tocando-lhe o ombro esquerdo e ao virar deparou-se com a criança dizendo: "Senhor, por favor não brigue comigo, mas é que caí e quebrei o vidro do remédio, dá para o senhor me dar outro?".

A Bíblia

Uma tarde, certa mãe muito atarefada, ao promover uma limpeza geral na casa apelou para o filho de onze anos, pedindo-lhe ajuda nessa atividade. Coube-lhe, então, o dever de limpar os móveis, começando de cima para

baixo, ainda com a responsabilidade de retirar todos os objetos acumulados sobre eles, para que melhor pudesse retirar toda a poeira ali amontoada desde a última faxina. O garoto servindo-se de uma pequena escada de dois degraus, iniciou seu trabalho.



Depois de algumas horas, estavam limpos os móveis das duas salas e dos quartos. Finalmente chegou àquele quarto onde eram colocados objetos mais antigos - alguns aproveitáveis e outros não. Havia realmente muito o que fazer ali. Quando começou pôr abaixo tudo o que estava colocado em cima de uma velha prateleira, o garoto deparou-se com um volume grosso, já amarelecido, empoeirado e metido entre latas, ferramentas e tantas outras quinquilharias encostadas. Com o livro já nas mãos, o pequeno chamou a mãe e foi dizendo:

- Olha, mãe, achei essa coisa velha, empoeirada e até com cheiro de mofo. Veja só como está horrível... Posso jogar no lixo?

A mãe, que por um pouco havia deixado os seus próprios afazeres a fim de atender ao chamado do filho, vendo que aquilo que o garoto chamava de coisa era a Bíblia da família, disse-lhe em tom contrito:

- Meu filho, tome cuidado com este livro porque ele é sagrado, é o livro de Deus! Imagine, atirar ao lixo este volume...

- Livro de Deus, mãe? Então, antes que as traças o destruam, o melhor é devolvê-lo ao Dono, pois aqui em casa nunca o usamos e quem sabe Deus encontre alguém mais interessado nele...

O que é o amor?

Numa sala de aula haviam várias crianças, quando uma delas perguntou à professora:

- Professora, o que é o Amor?

A professora sentiu que a criança merecia uma resposta à altura da pergunta inteligente que fizera.

Como já estava na hora do recreio pediu para que cada aluno desse uma volta pelo pátio da escola e que trouxesse o que mais despertasse nela o sentimento de amor.

As crianças saíram apressadas e ao voltarem a professora disse:

- Quero que cada um mostre o que trouxe consigo.

A primeira criança mostrou: - Eu trouxe esta flor, não é linda?

A segunda criança falou: - Trouxe esta borboleta. Veja o colorido de suas asas, vou colocá-la em minha coleção.

A terceira criança completou: - Eu trouxe este filhote de passarinho. Ele havia caído do ninho junto com outro irmão. Não é uma gracinha?

E assim as crianças foram colocando o que tinham encontrado.

Terminada a exposição a professora notou que havia uma criança que tinha ficado quieta o tempo todo. Ela estava vermelha de vergonha, pois nada havia trazido.

A professora se dirigiu a ela e perguntou: - Meu bem, por que você nada trouxe?

E a criança timidamente responde: Desculpe professora, vi a flor e senti o seu perfume, pensei em arrancá-la mas preferi deixá-la para que seu perfume exalasse por mais tempo, vi também a borboleta, leve, colorida, ela parecia tão feliz que não tive coragem de aprisioná-la. Vi também o passarinho caído entre as folhas, mas ao subir na árvore notei o olhar triste de sua mãe e preferi devolvê-lo ao ninho. Portanto professora, trago comigo o perfume da flor, a sensação de liberdade da borboleta e a gratidão que senti nos olhos da mãe do passarinho. Como posso mostrar o que trouxe?

A professora agradeceu a criança e lhe deu nota máxima, pois ela fora a única que percebera que **SÓ PODEMOS TRAZER O AMOR NO CORAÇÃO.**



O Aviso

Um jovem e bem sucedido executivo dirigia por uma rua, correndo um pouco em seu novo Jaguar. Observando crianças se lançando entre os carros estacionados, diminuiu um pouco a velocidade, quando achou ter visto algo. Enquanto passava, nenhuma criança apareceu.

Mas de repente um tijolo espatifou-se na porta lateral do Jaguar! Freou bruscamente e deu ré até o lugar de onde teria vindo o tijo-

lo. Saltou do carro e pegou bruscamente uma criança, empurrando-a contra um veículo estacionado e gritou:

Por que isso? Quem é você? Que besteira você pensa que está fazendo? Este é um carro novo e caro, aquele tijolo que você jogou vai me custar muito dinheiro. Por que você fez isso?

Por favor senhor me desculpe, eu não sabia mais o que fazer! - Implorou o pequeno menino - Ninguém estava disposto a parar e me atender neste local. Lágrimas corriam do rosto do garoto, enquanto apontava na direção dos carros estacionados.

É meu irmão. Ele desceu sem freio e caiu de sua cadeira de rodas e não consigo levantá-lo. Soluçando, o menino perguntou ao executivo:

O senhor poderia me ajudar a recolocá-lo em sua cadeira de rodas? Ele está machucado e é muito pesado para mim.

Movido internamente muito além das palavras, o jovem motorista engolindo um "imenso nó" dirigiu-se ao jovenzinho, colocando-o em sua cadeira de rodas. Tirou seu lenço, limpou as feridas e arranhões, verificando se tudo estava bem.

Obrigado, e que meu Deus possa abençoa-lo - a grata criança disse a ele.

O homem então viu o menino se distanciar... empurrando o irmão em direção à casa. Foi um longo caminho de volta para ao Jaguar... um longo e lento caminho de volta.

Ele nunca consertou a porta amassada. Deixou amassada para lembrá-lo de não ir tão

rápido pela vida, que alguém tivesse que atirar um tijolo para obter a sua atenção.

Deus sussurra em nossas almas e fala aos nossos corações. Algumas vezes quando nós não temos tempo de ouvir, Ele tem de jogar um tijolo em nós.

É nossa escolha: ouvir o sussurro ou esperar pelo tijolo!

O Medo

Diz uma antiga fábula que um camundongo vivia angustiado e com medo do gato.

Um mágico teve pena dele e o transformou em um gato. Mas aí ele ficou com medo de cão, por isso o mágico o transformou de novo em uma pantera.

Então ele começou a temer os elefantes e depois os caçadores..... e assim por diante.

A certa altura o mágico desistiu e transformou-o em camundongo novamente e lhe disse:

“Nada do que eu faça por você vai ajuda-lo, porque você tem apenas a coragem de um camundongo”.

É preciso coragem para romper com o projeto que nos impomos. Mas saibamos que a coragem não é a ausência do medo, é sim a capacidade de avançar, apesar do medo; caminhar para frente; e enfrentar as adversidades, vencendo desafios e medos... É isto que devemos fazer. Não podemos nos derrotar, nos entregar por causa dos medos. Assim, jamais chegaremos aos lugares que tanto almejamos em nossas vidas...



ORDEM MARTINISTA
GRUPO STANISLAS DE GUAITA
GRUPO PHILIPPE NIZIER
GRUPO JAIME CAVALHEIRO ALVES
SÃO PAULO - BRASIL